



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO DAS CONSTRUÇÕES [SUPONDO QUE X] E
[VAMOS SUPOR QUE X]**

MANOELA AMSTALDEN AMBIEL

RIO DE JANEIRO
2025

MANOELA AMSTALDEN AMBIEL

**UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO DAS CONSTRUÇÕES [SUPONDO QUE X] E
[VAMOS SUPOR QUE X]**

Monografia apresentada à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
Licenciatura em Letras – Português e
Alemão.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Maura da Conceição Cezario
Coorientadora: Doutoranda Leyla
Ely Leitor crítico: Dr. Thiago dos
Santos Silva

Rio de Janeiro
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MANOELA AMSTALDEN AMBIEL

DRE: 120068972

UMA ANÁLISE CENTRADA NO USO DAS CONSTRUÇÕES [SUPONDO QUE X] E [VAMOS SUPOR QUE X]

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português / Alemão.

Data de avaliação: 21/01/2025

Banca Examinadora:

Orientador: Prof^{fa}. Dr^a. Maria Maura da Conceição Cezario - UFRJ

NOTA: 10

Coorientador: Doutoranda Leyla Ely - UFRJ


NOTA: 10


Leitor Crítico: Dr. Thiago dos Santos Silva - UFRJ


NOTA: 10

MÉDIA: 10

Assinaturas dos avaliadores:

Documento assinado digitalmente
 **MARIA MAURA DA CONCEICAO CEZARIO**
Data: 24/01/2025 19:18:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **LEYLA ELY**
Data: 27/01/2025 07:16:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO DOS SANTOS SILVA**
Data: 28/01/2025 10:13:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

O exercício de escrever essa monografia é um desafio que exige muita dedicação e estudo e, por isso, nem sempre é fácil, mas reconheço que sozinha nada disso seria possível. Se hoje ela se concluiu, é também por muitas pessoas muito especiais durante esse período de escrita. Assim, não tenho como deixar de agradecer a Deus, por ter me mostrado foco para terminar a análise dos dados e escrever em um tempo curto e ainda na correria do final de ano; às minhas orientadoras, por terem me incentivado e me guiado nesta jornada desde o início do processo; a meus amigos, que entenderam minha ausência durante esse período e a minha família, que me serviu de apoio e se mostrou compreensiva com minha indisponibilidade nos nossos momentos juntos, como no Natal e na nossa típica viagem a Ubatuba.

A monografia é o encerramento do meu ciclo da graduação e não poderia deixar de fazer esse agradecimento a todos aqueles que contribuíram para que minha formação de Licenciatura fechasse com chave de ouro. Contudo, não poderia deixar de falar das tantas outras realizações desses últimos 5 anos, em que muitas águas passaram e me ajudaram a formar quem sou hoje: a Manoela professora, pesquisadora e tradutora; a Manoela mais crescida e fora de sua zona de conforto.

Agradeço às minhas orientadoras Maura e Leyla, que tiveram paciência com minhas mil dúvidas, em cada reunião de IC, como também me fizeram descobrir pesquisadora e me fizeram crescer em cada apresentação de eventos e em publicações de capítulos de livros. Não tenho como deixar de agradecer também aos meus colegas de IC, que, além de terem sanado quaisquer dúvidas minhas com as atividades da IC, também me ampararam com nervosismos de apresentações e se tornaram bons amigos. Nossas confraternizações e momentos juntos em Natal deixaram história e boas lembranças. Por fim, agradeço ao Grupo do D&G por ter me acolhido desde o início, não apenas como membro, mas como família.

Agradeço a cada professor que passou pela minha trajetória acadêmica, seja do Alemão, seja do Português. Aos professores do Alemão, agradeço por terem me acolhido no departamento desde o início e por me incentivarem a participar de vários projetos da Universidade, como a monitoria de Alemão I, do CLAC e de vários cursos oferecidos pelo Goethe e DAAD, que aperfeiçoaram ainda mais a minha trajetória com o Alemão. Agradeço a tais instituições também, pois além delas me financiaram em cursos que qualquer estudante de alemão sonha e com o fomento de apresentar e participar em

congressos da área e me permitir crescer mais como pesquisadora, também contribuíram para a realização de sonhos nunca antes imaginados, que só foram possíveis com a participação do Winterkurs, em Freiburg. Aos professores do Português, não tive um contato tão próximo como com os do Alemão, mas reconheço o privilégio de ter tido aulas com os professores do Departamento de Vernáculos “da Casa”, que me atrevo a dizer que são os melhores da área.

Agradeço a cada amigo que, de alguma forma, participou dessa trajetória louca comigo. Aos meus amigos de longa data que ficaram por São Paulo, obrigada por me apoiarem desde quando tomei a decisão de me mudar para o Rio, ainda que isso significasse estar longe e não se ver mais com tanta frequência. Aos meus amigos de longa data que saíram de São Paulo, obrigada pelas ligações de de-vez-em-nunca, em que, mesmo com nossa correria, estiveram lá por mim, como se nada tivesse mudado. Aos meus amigos que criei no meio desse caminho, saibam que nada disso teria sido possível sem vocês também: vocês se tornaram minha família no desconhecido, que hoje se torna *casa*, por vocês. Tenho certeza que vivi a melhor fase da minha vida ao lado de vocês – vocês foram luz em todos os momentos e até mesmo nos de angústias que passamos juntos pelos estresses da faculdade/problemas por morar longe de casa, ao lado de vocês se tornaram mais leves. Espero que seja verdade o que dizem sobre os amigos da faculdade ser para a vida.

Agradeço a minha psicóloga, que me acompanhou desde minha fase do cursinho e percorreu a das inseguranças de fazer a faculdade durante a pandemia, minha transição ao Rio e todos os desafios que enfrentei desde então. Obrigada por ter tomado as coisas mais leves e sempre ter me lembrado que vale a pena acreditar em nós mesmos. Você foi essencial nesse processo.

Agradeço a minha família. Minha família que, de todos os cantos e graus, se fez presente em cada etapa deste ciclo. Desde lá atrás, quando tinha dúvidas se ia para o Rio ou não e de diversas outras inseguranças no meio dessa trajetória até a mais recente, como o término da monografia e da procura por emprego/melhora no currículo. Vocês sempre estiveram comigo e foram minha grande rede de apoio, mesmo na correria das nossas rotinas, e mesmo cruzando oceanos para uma ligação de socorro (e de fofocas, claro). Cada impressão de textos da faculdade e cada ida ao correio mandar algo que esqueci entre Rio-Indaiatuba também foram provas de amor, que levarei para sempre com muito carinho e gratidão.

Por fim, só tenho a agradecer aos meus pais. Vocês estiveram comigo desde o

início, desde muito antes de eu ir passar na UFRJ. Antes disso, teve o cursinho, antes o intercâmbio, antes a escola... Sem cada uma dessas fases, eu não estaria me formando hoje no meu curso dos sonhos e na maior do Brasil – isso, assim como tudo que já se decorreu disso, só foi possível graças a todo o incentivo de vocês, lá atrás, quando me incentivaram a aprender o alemão; quando apoiaram minha mudança ao Rio, e em cada ida ao ponto de ônibus em Campinas, estiveram lá por mim, sempre me dizendo que um dia tudo isso ia passar e ia dar saudades. Saibam que nunca me esquecerei de nada disso e sempre serei grata a vocês.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu avô e a minha avó. Por sempre cuidarem de mim, aonde quer que eu esteja, sempre acompanhando meus sonhos de pertinho. Vocês me acompanham em qualquer contato com a língua e cultura alemã e são o intermédio de vários sonhos e conquistas realizados e de pessoas especiais que passaram por eles. Vocês também me acompanham em qualquer decisão, conquista e angústia, e sei que vocês me guiam em cada uma delas; vocês me acompanham em qualquer ocasião, desde sempre na minha vida. Vocês foram e sempre vão ser minha maior razão de viver e viver tudo isso só tem graça com vocês ao meu lado. Sei, por fim, que nunca estive sozinha e que vocês sempre estiveram comigo. Apenas por isso, serei eternamente feliz e grata.

Agradeço também a meus avós que, com a graça de Deus, ainda se fazem presentes fisicamente comigo e estão sempre comigo em cada conquista, assim como em cada preocupação de cada ida minha ao Rio. Obrigada por quererem meu melhor e minha felicidade, ainda que ela traga preocupações para vocês, quando escolhi ser feliz longe de vocês e no Rio. Acho essa a mais singela prova de amor. Saibam que também amo vocês.

Agradeço a Deus e a todos os lá de cima que me guiaram nesse ciclo. Levo vocês sempre comigo.

RESUMO

AMBIEL, M. A. **Uma análise centrada no uso das construções [supondo que X] e [vamos supor que X]**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras: Português e Alemão), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho refere-se à análise das construções [supondo que X] e [vamos supor que X] no português brasileiro contemporâneo, a fim de mapear seus usos nos diferentes contextos discursivos-pragmáticos. Para isso, utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) (Goldberg 1995; Tomasello 1998; Croft 2001; Traugott e Trousdale, 2013 e Cezario e Furtado da Cunha, 2013) e da Gramática de Construções (Goldberg, 1995; 2006, Croft, 2001) e consideramos que [supondo que X] e [vamos supor que X] são microconstruções instanciadas no esquema [V_que]_{CONNECT} da rede dos conectores condicionais, por meio da relação de herança (Traugott e Trousdale, 2013). A metodologia adotada foi a quali-quantitativa, sendo os dados (180 dados escritos ao total, por questões metodológicas, sendo 90 dados de cada construção) coletados por meio da plataforma *Twitter/X*. Escolhemos essa amostra por trazer contextos discursivos, mais informais, e de interação entre o usuário-escrevente e o usuário-leitor. Nossa hipótese é a de que, por mais que ambas construções pertençam ao domínio da condicionalidade, elas possuem peculiaridades sintáticas e discursivo-pragmáticas. Diante disso, a partir dos fatores estabelecidos para a análise dos dados, constatamos que as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] tendem a fugir do molde prototípico de condicionalidade [*se p, (então) q*] (Neves, 2011), pois, em alguns casos, apresentam graus maiores de (inter)subjetividade, proteção de face e independência sintática.

Palavras-chave: Construção Supondo Que; Construção Vamos Supor Que; Construções Condicionais; Linguística Funcional Centrada no Uso; Gramática de Construções.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the constructions [supondo que X] and [vamos supor que X] in contemporary Brazilian Portuguese, aiming to map their uses in different discursive- pragmatic contexts. For this purpose, we draw on the theoretical principles of Usage-Based Functional Linguistics (UBFL) (Goldberg, 1995; Tomasello, 1998; Croft, 2001; Traugott & Trousdale, 2013; and Cezario & Furtado da Cunha, 2013) and Construction Grammar (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001). We consider that [supondo que X] and [vamos supor que X] are microconstructions instantiated within the [V_que]_{CONNECT} schema of the conditional connectors network, through inheritance relations (Traugott & Trousdale, 2013). Using a qualitative-quantitative methodology, with the sample (a total of 180 written instances, for methodological reasons, comprising 90 for each construction) collected through the *Twitter/X*. This sample was chosen for its representation of more informal discursive contexts and the interaction between writer-users and reader-users. Our hypothesis is that, although both constructions belong to the domain of conditionality, they exhibit syntactic and discursive- pragmatic particularities. Based on the factors established for the data analysis, we found that the constructions [supondo que X] and [vamos supor que X] tend to deviate from the prototypical conditionality model [*se p, (então) q*] (Neves, 2011) when they present higher degrees of (inter)subjectivity, face-saving strategies, and syntactic independence.

Keywords: Supondo Que Construction; Vamos Supor Que Construction; Conditional Constructions; Usage-Based Linguistics; Constructional Grammar.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Análise sintática segundo a Gramática Tradicional e a Gramática de Construções.....	16
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Conexão Sintática.....	42
Gráfico 2 — Ordem Frásica.....	45
Gráfico 3 — Modo Verbal.....	47
Gráfico 4 — Tempo Verbal	48
Gráfico 5 — Postura Epistêmica	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Esquema [V_que] na rede construcional dos conectores condicionais.....	27
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. ESTADO DA ARTE.....	17
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	24
3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso	24
3.2 O Conceito de Construção.....	26
3.3 Postura Epistêmica	27
3.4 Conexão Sintática.....	31
4. METODOLOGIA.....	37
4.1 Fatores de Análise	37
4.1.1 Conexão Sintática.....	38
4.1.2 Ordem Frásica.....	39
4.1.3 Modo Verbal	40
4.1.4 Tempo Verbal.....	40
4.1.5 Postura Epistêmica.....	40
4.1.6 Proteção de Face.....	41
5. ANÁLISE E RESULTADOS	42
5.1 Conexão Sintática.....	42
5.2 Ordem Frásica.....	44
5.3 Tempo e Modo Verbal.....	46
5.4 Postura Epistêmica	49
5.5 Proteção de Face	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

1. INTRODUÇÃO

Este estudo refere-se à análise das construções [supondo que X] e [vamos supor que X] sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Segundo essa corrente, o conhecimento linguístico opera como reflexo de habilidades cognitivas que o usuário acessa a partir de experiências não-linguísticas, que atuam em situações de interação reais (Traugott, 2004). Um dos principais focos da LFCU, sob viés da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), é a análise das construções linguísticas em diferentes contextos de uso (Bybee, 2010), com base no pareamento forma-função. De acordo com Croft (2001), essa relação envolve correspondência simbólica entre características formais (fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semânticas, pragmáticas e discursivas).

Com referência ao pareamento forma-significado, discutimos, a seguir, os fenômenos de nosso estudo, com exemplos¹:

(01) “**Supondo que** eu queira me vacinar contra covid no sábado depois das 14h, onde eu poderia ir?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(02) “**Vamos supor que** ele investiu 2 milhões do dinheiro dele em imóveis, como que os imóveis que ele comprou valorizou 400% em poucos meses?” (X, 2024, grifos nossos).

Nas ocorrências acima, [supondo que X] e [vamos supor que X] introduzem suposições: em (01), a de que o interlocutor queira se vacinar contra a Covid-19 no sábado depois das 14h; e em (02), a de que alguém investiu o valor de 2 milhões em imóveis. A semelhança entre ambos os dados é que as duas construções atuam sintaticamente como *construções hipotáticas*, dependentes de uma matriz – no caso de (01), “onde eu poderia ir?” e no de (02), “como que os imóveis que ele comprou valorizou 400% em poucos meses?” Por outro lado, há casos em que as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] operam como *construções insubordinadas*² (Hirata-Vale; Peres De Oliveira; Da Silva, 2017; Hirata-Vale, 2017, 2020; Rodrigues e Baroni, 2021; Rodrigues, 2024), até então não descritas pela literatura tradicional, como nas ocorrências (03) e (04), abaixo:

(03) “**Supondo que** eu doe um orgão para alguém mas eventualmente essa pessoa morra. Eu

¹ Todos os exemplos apresentados neste trabalho retirados do *Twitter/X* são de nossa própria coleta.

² As *construções insubordinadas* serão abordadas mais a fundo no capítulo “Pressupostos teóricos”.

posso ter esse órgão reeplantado?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(04) “**Vamos supor que** o Elon Musk convença Biden a criar sanções contra o Brasil e o país se torne uma Cuba. Os que estão torcendo para que isso aconteça acham que as sanções acabariam depois que enfraquecessem o atual governo? Se acham que sim são tolos do que parece.” (X, 2024, grifos nossos).

O que difere os exemplos (03) e (04) dos anteriores é o comportamento sintático autônomo (Rodrigues, 2024), que se dá sobretudo por meio da separação das orações com um ponto final (Decat, 1999; 2011; 2019; 2021; Rodrigues, 2011; 2019; 2021, ainda que não empregassem o rótulo de *insubordinação*).

Nesse viés, as construções [supondo que X] e [vamos supor que X], pertencentes ao domínio condicional (Longhin-Thomazi, 2010; Neves, 2011; Ely & Cezario, 2023), admitem tanto *construções hipotáticas* quanto *insubordinadas* – quando atuam de forma independente sintaticamente da matriz. Em ambos os casos, acreditamos que elas expressam o significado modal epistêmico (Ferrari, 2015; Gomes & Monkey, 2011) de possibilidade ou dúvida vindo da suposição, a depender da situação comunicativa e intenções do falante para com seu interlocutor. Da mesma forma, tais construções também atuam como marcas de *protetor de face*³ (Ely; Cezario, 2023) do locutor. A pergunta que fizemos, então, é: que nuances semântico-pragmáticas as construções apresentam da *hipotaxe à insubordinação*?

A partir da coleta do *corpus* da rede social *Twitter/X*⁴, buscamos entender, a partir da análise quali-quantitativa dos 180 dados, como as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] se tangenciam e se diferenciam entre si. Para isso, procuramos descrever as construções e os contextos discursivos-pragmáticos em que ocorrem ao (1) observar o grau de conexão sintática das construções; (2) avaliar a ordem frásica que as construções manifestam; (3) verificar a postura epistêmica expressa pelas orações com essas construções; (4) verificar de que forma o tempo e o modo verbal funcionam nas *construções hipotáticas* das construções dentro do domínio condicional e (5) evidenciar a estratégia de proteção de face.

Nossas hipóteses são: as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] (1)

³ A *proteção de face* refere-se à maneira como o falante se posiciona em relação a um evento, ou seja, à sua subjetividade ao fundamentar sua crença sobre o ocorrido. Nesse contexto, o falante busca persuadir o leitor ou ouvinte a aceitar sua argumentação, mas se exime de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo da proposição (Adelino; Nascimento, 2018), não assumindo compromisso com a realização ou veracidade dos fatos apresentados, agindo assim como uma forma de proteger sua imagem ou "face" (Ely; Cezario, 2023).

⁴ X é o novo nome e rebranding do antigo *Twitter*, adotado por Elon Musk após sua aquisição da plataforma. Por termos feito a coleta do *corpora* antes e depois da compra de Musk, adotamos ambos os nomes neste trabalho.

ocorrem tanto em *construções hipotáticas* quanto em *insubordinadas*, mas acreditamos que há maior ocorrência das *hipotáticas* em [supondo que X], uma vez que estudos comprovam a recorrente relação da *hipotática* com as principais nessa construção (Oliveira, 2019) e maior ocorrência das *insubordinadas* em [vamos supor que X], pelo maior grau de intersubjetividade nessas construções (Hirata-Vale, 2017), já que o usuário-escrevente envolve o usuário-leitor no seu discurso; (2) ocorrem majoritariamente em posição *intrafrásica*, mas não deixam de ocorrer significativamente em posição *interfrásica*, tendo em vista que o usuário-escrevente ainda usa as construções em seu domínio prototípico de causa-consequência, mas também se utiliza delas para acrescentar informações novas e abrir espaços mentais ao conteúdo; (3) trazem principalmente uma *postura epistêmica neutra*, quando expressam suposições *irrealis* de incertezas a partir de suas crenças e desejos (Gomes e Monkey, 2011); (4) ocorrem majoritariamente no *presente do subjuntivo*, e têm relação direta com a postura *epistêmica neutra*, pela incerteza do usuário-escrevente quanto à veracidade dos fatos relatados (Gomes e Monkey, 2011) e (5) operam a *proteção de face* principalmente nas *insubordinadas* de [vamos supor que X], já que o usuário-escrevente costuma não querer se comprometer com a veracidade dos fatos, através dos diálogos ainda mais intersubjetivos dessa construção (Hirata-Vale, 2017). Argumentamos ainda que, por mais que as referidas construções tenham como base formas do verbo *supor*, os diversos contextos de uso dentro do *Twitter/X*, como uma rede social informal, evidenciam nuances discursivo-pragmáticas entre [supondo que X] e [vamos supor que X].

Com relação ao “Estado da arte”, as mencionadas construções foram pouco estudadas sob o viés da LFCU, o que torna importante o aprofundamento sobre o objeto de estudo. Destacamos Bueno (2015) e Oliveira (2019) como exemplo de investigação sobre a construção [supondo que X] e de Tota (2024) sobre [vamos supor que X]. Logo, buscamos com este trabalho contribuir para o avanço dos estudos linguísticos, trazendo mais descrição sobre as construções condicionais em questão, bem como resultados quantitativos sobre os fenômenos acerca das construções condicionais.

Vale destacar que essa forma de analisar essas construções é muito diferente da Gramática Tradicional, que considera que há uma fronteira sintática entre *supor/supondo* e o elemento *que*, considerado nesse caso uma conjunção integrante. Assim sendo, trazemos o quadro a seguir com a análise sintática da Gramática Tradicional e a análise construcionista que desenvolveremos aqui:

Quadro 1 — Análise sintática segundo a Gramática Tradicional e a Gramática de Construções

GRAMÁTICA TRADICIONAL	GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES
[Supondo] + [oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada por <i>que</i>]	[[Supondo que] (S) V (C)] ⁵ (+ oração matriz)
[Vamos supor] + [oração subordinada substantiva objetiva direta iniciada por <i>que</i>]	[[Vamos supor que] (S) V (C)] + oração matriz)

Fonte: autoria própria

A argumentação para considerarmos “supondo que” e “vamos supor que” construções que iniciam um período é apresentada no capítulo “Estado da Arte”, ao apresentarmos uma revisão acerca dos critérios para se considerar uma construção como conector de oração. Nossa premissa é de que tais construções introduzem hipóteses/suposições que servem como base para o entendimento global com a oração *matriz* ou dela mesma, quando a *matriz* não se manifesta.

Este trabalho está organizado em 6 capítulos, a começar por esta introdução. Em seguida, apresentamos em “Estado da Arte” as contribuições já feitas dos estudos condicionais da corrente funcionalista das construções [supondo que X] e [vamos supor que X], até o momento desta pesquisa. Posteriormente, tratamos da revisão da literatura sobre o modelo teórico que será tratada no presente trabalho, em “Pressupostos Teóricos”. Ainda, traremos, em “Metodologia”, quais parâmetros e fatores utilizamos para este trabalho. Em sequência, no capítulo “Análise e Resultados”, analisaremos os dados das construções [supondo que X] e [vamos supor que X], fazendo uma minuciosa comparação entre elas, visando detalhar propriedades formais, discursivo-pragmáticas e semânticas. Gostaríamos de destacar que nossa análise não está restrita a esse capítulo, mas está presente também nos capítulos relativos à apresentação do estado da arte e dos pressupostos teóricos, pois nessas partes fizemos várias análises qualitativas a respeito das construções em questão. Por fim, traremos as considerações finais, no último capítulo.⁶

⁵ Consideramos *X* os elementos da oração iniciada por *supondo que/vamos supor que*, ou seja o Sujeito, o Verbo e o Complemento.

⁶ Gostaríamos de ressaltar que essa pesquisa é fruto do estágio de Iniciação Científica com a Professora Maria Maura Cezario e a doutoranda Leyla Ely e que faz parte dos seus projetos de pesquisas, financiados pelo CNPq, pela FAPERJ e pela CAPES. Os resultados aqui apresentados servirão também como parte da tese que a Ely desenvolve no momento no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.

2. ESTADO DA ARTE

Apesar de as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] serem muito produtivas em contextos escritos e falados do PB contemporâneo, há um número ainda pequeno de trabalhos que tratam de tanto uma quanto a outra, já que os pesquisadores costumam concentrar-se na condicional prototípica [*se p, (então) q*] (Dancygier, 1998; Neves, 2011; Montolío, 2000; Hirata-Vale, 2005; Oliveira, 2008, 2012, 2014). A construção [supondo que X] recebe uma análise mais detalhada em Oliveira (2019), que a examina como um conector⁷ condicional, com base nos critérios de condicionalidade propostos por Dancygier (1998); assim como na dissertação de Bueno (2015), que a classifica como um conector com uma função diferente da de predicação prevista pelo verbo *supor*, a de conector condicional.

Com relação aos trabalhos de [vamos supor que X], encontramos o estudo de Tota (2024) acerca da construção [vamos supor que X], em uma comparação com as construções [pense que X], [imagine que X], [suponha que X] e [vamos imaginar que X]⁸, em uma abordagem circunstancial de comparação, tratando do comportamento sintático, semântico e discursivo dentre elas⁹. Apenas por ordem didática, escolhemos tratar primeiramente da construção [supondo que X], para posteriormente seguirmos com [vamos supor que X].

A pesquisa feita por Oliveira (2019) postula que a construção [supondo que X]¹⁰ pode atuar como conector condicional, quando indica causa hipotética que serve como suficiente para a validação da consequência enunciada pela *oração matriz*. Dessa forma, o que a construção tem em comum com as outras condicionais é o fato de, de alguma forma, construir um espaço cognitivo a partir do qual projeta-se um Espaço Expansão (Ferrari, 2015). Ela entende, ainda, que as construções condicionais são diversas e vão além da prototípica introduzida pela conjunção *se*, como vemos a seguir, com [supondo que X]:

(05) “**Supondo que** vc é meu pai, o que vc faria se eu tivesse gasto parte do dinheiro que havia na sua poupança?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

⁷ A autora usa a nomenclatura de tal elemento condicional como *conectivo*, mas optamos por tratá-lo como *conector*.

⁸ O autor usa as nomenclaturas *vamos supor que*, *pense que*, *imagine que*, *suponha que* e *vamos imaginar que*, mas optamos por nomeá-las de [vamos supor que X], [pense que X], [imagine que X], [suponha que X] e [vamos imaginar que X].

⁹ A análise que fazemos de [supondo que X] decorre de maneira mais detalhada quando comparamos com a de [vamos supor que X], uma vez que há mais estudos acerca dessa primeira construção, ao passo que só encontramos o trabalho de Tota (2024) acerca de [vamos supor que X].

¹⁰ A autora usa a nomenclatura *supondo_que*, mas optamos por nomeá-la como [supondo que X].

No exemplo acima, Oliveira (2019) observa que a oração introduzida por [supondo que X] indica causa hipotética, que serve como suficiente para a validação da consequência enunciada pela *oração matriz*¹¹, da mesma forma que se ocorre em condicionais prototípicas, através de um espaço cognitivo que se constrói pelo Espaço Expansão. Assim, o fato do usuário-leitor ser o pai do usuário-escrevente é contingente para que valide sua decisão quanto ao que faria com ele, caso ele [o filho] tivesse gasto parte do dinheiro que havia em sua poupança.

Oliveira (2019) também postula que o conector [supondo que X] passou a expressar condição por meio de uma extensão metafórica, derivada de traços semântico-pragmáticos associados ao significado hipotético do verbo *supor*. A autora justifica que o significado original deste verbo é de admitir algo hipoteticamente, através de um predicado de percepção. Vejamos:

(06) “Mas aí você tá **supondo** uma coisa da cabeça. Quem assiste, sabe que joga muito. Não é porquê é desconhecido da maioria ou que a liga supostamente é fraca, que muda esse fato.” (X, 2024, grifos nossos).

Em (06), o verbo *supor* indica que o referente do sujeito assume uma proposição como verdadeira, ainda que hipoteticamente, através do próprio significado lexical do verbo, que funciona como percepção mental que designa um estado cognitivo. Nesse caso, o usuário-escrevente assume como verdadeiro que o usuário-leitor está supondo algo que não é verídico, que é o fato do jogador de futebol argentino Luciano Acosta não ser um bom craque.

Segundo a autora (2019), a emergência de [supondo que X] está atrelada aos contextos de uso da forma não-finita do verbo *supor* em construções gerundivas circunstanciais, em que, ainda ligado ao significado fonte verbo, seu uso nesse tipo de construção é referencial e se associa esquematicamente à categoria verbal (V). Nesse sentido, *supondo* funciona como um valor modal, com significado próximo a de verbos como *achar* e *acreditar*, os quais indicam que o referente do sujeito faz uma avaliação subjetiva do conteúdo da oração encaixada e que revela sua crença em relação ao conteúdo apresentado. Vejamos:

(07) “**Supondo que** Moisés faça a maior burrice da carreira dele e vá pra liga do México, teremos como substitutos dele o Romarinho e Guilherme” (Twitter, 2023, grifos nossos).

No exemplo acima, o usuário-escrevente expõe sua opinião de que não concorda com a

¹¹ A autora usa a nomenclatura *núcleo*, mas optamos por nomear a oração de *matriz*.

possível ida do jogador Moisés para o time de futebol do México e que, nesse cenário, haverá Romarinho e Guilherme como seus substitutos, quando faz uso de [supondo que X], mediante a natureza incerta na oração, sobre a relação de causalidade que se instaura entre os períodos. Além disso, Oliveira (2019) também postula que esse significado relacional novo começa a criar uma relação de dependência em relação à *matriz*, assim como eles começam a se portar como a atitude do referente sujeito da *oração matriz*, que é o que Gonçalves, Casseb-Galvão e Sousa (2016) se referem a *predicados de atitude*.

Oliveira (2019) destaca que o gatilho principal da mudança em [supondo que X], entretanto, se manifesta na marcação do sujeito do verbo *supor*, em que o falante, e não mais o sujeito gramatical, assume os conteúdos descritos como *irreais* (ou de postura epistêmica negativa), por projetar uma hipótese e atuar com a *predição*. Essa propriedade, comum às construções condicionais, é capaz de marcar um evento no futuro, que se conclui a partir de uma determinada situação também não realizada e diferente do contexto de enunciação.

Além disso, para a autora (2019), o conector passa a atuar como *conector*¹² *adverbial*, além de instaurar a não-assertividade das *construções hipotática e matriz* envolvidas, em que a construção assume um significado procedural e mais abstrato, capaz de orientar o ouvinte (ou leitor) sobre a natureza não-real dessas construções, bem como da relação de causalidade não-preenchida que se propaga entre elas. Sabe-se, ainda, que o desenvolvimento desse conector condicional se deu a partir de uma neoanálise¹³, tendo em vista que houve uma ligeira mudança semântica do significado do verbo *supor*, e que novos traços semântico-pragmáticos foram reinterpretados – no caso, para o significado de hipótese/condição.

Outrossim, além da mudança no significado da construção, também ocorre na forma: em sua função como conector, *supondo* se liga ao complementizador *que*, formando um novo pareamento de forma-significado, através da construcionalização gramatical. Essa inferência se convencionaliza e o conector passa então a ser esquematicamente associado ao esquema [V_que] na rede dos conectores condicionais, por meio de relações de herança (Traugott e Trousdale, 2013)¹⁴.

No que diz respeito ao estudo de Bueno (2015) acerca de [supondo que X], sabe-se que ela baseia seus estudos com relação à construção seguindo os parâmetros de condicionalidade

¹² A autora utiliza a nomenclatura de *conectivo* para tal elemento adverbial, mas optamos por tratá-lo como *conector*.

¹³ Segundo Oliveira (2019), a neoanálise explica como novas propriedades surgem em uma forma emergente da língua, vinculadas à construcionalização e/ou mudança construcional. No caso de [supondo que X], a autora destaca que uma neoanálise resultou em uma leve alteração semântica no significado de "supor", em que ele deixou de funcionar como um sintagma verbal, adquirindo um valor modal associado à crença ou suposição do falante sobre um evento.

¹⁴ Discutiremos mais a cerca das *relações de herança* (Traugott e Trousdale, 2013) em “Pressupostos teóricos”.

de Kortmann (1996). Assim, essa última autora interpreta (i) as formas verbais utilizadas e a não-facturalidade marcada por elas; (ii) a postura epistêmica na oração condicional; (iii) a causalidade entre p e q; (iv) a sequencialidade entre a prótase e apódose¹⁵; (v) a não assertividade do conector; (vi) a posição da oração condicional e (vii) a função do conector como introdutor de espaços mentais.

Assim como Oliveira (2019), Bueno (2015) também se refere à possibilidade da construção como um conector condicional. Para comprovação disso e seguindo os critérios de Kortmann (1996), Bueno (2015) afirma que sua posição não é fixa e, dessa maneira, não há restrições quanto a uma possível alteração na ordem dos constituintes. No entanto, mudanças podem ocorrer quando mudamos essa posição, como em:

(08) “Assim, não é querendo ficar com vc não, mas **supondo**, assim de leve, **que** eu queira. Suponhamos talvez. Se vc quiser eu quero, se vc não quiser eu tô brincando Bom começo de noite” (Twitter, 2023, grifos nossos).

No caso acima, entendemos que a quebra dessa posição fixa de [supondo que X] fez com que o sujeito da oração seja *eu*. Assim, ainda que a oração se mantenha gramatical, houve a perda do valor de conector da construção, a qual passou a assumir função de verbo.

Além disso, Bueno (2015) também postula que, seguindo os parâmetros de Kortmann (1998), para uma expressão ser tratada como um conector, ela precisa atuar sobre uma oração finita, não se flexionar e se posicionar fixamente à margem esquerda da oração. Vejamos:

(09) “Gostei muito do “primeiro chefe” (**supondo que** você seguiu a sugestão da história) do #Zelda. Acho incrível criarem uma experiência encantadora e grandiosa com mecânicas simples” (Twitter, 2023, grifos nossos).

*“Gostei muito do “primeiro chefe” (você **supondo que** seguiu a sugestão da história) do #Zelda. Acho incrível criarem uma experiência encantadora e grandiosa com mecânicas simples”.

Nos exemplos acima, entendemos que a mudança da ordem de [supondo que X] acarretou na agramaticalidade da oração, de modo que não conseguimos preencher o *slot* de X em [X supondo que].

Em última instância, Bueno (2015) atesta que a construção [supondo que X] não pode ser negada quando assume a função de conector gramatical, uma vez que a função das

¹⁵ Os termos *prótase* e *apódose* correspondem ao que tratamos como *hipotática condicional* e *matriz*, respectivamente.

conjunções condicionais é de formar uma suposição a ser validada na *prótese*. Com o uso da negação, deve-se rejeitar a leitura da condição. Vejamos pelos exemplos a seguir:

(10) “Torcedor e jornalista, a grande maioria é hipócrita demais. Vi uns 5 programas diferentes, criticando a troca do Robert Renan pelo Yuri Alberto. **Supondo que** não tivesse feito a troca, Yuri ido embora, e o time tivesse nessa fase que não marca gol Advinha qual seria o papo?” (X, 2024, grifos nossos).

* “Torcedor e jornalista, a grande maioria é hipócrita demais. Vi uns 5 programas diferentes, criticando a troca do Robert Renan pelo Yuri Alberto. **Não supondo que** não tivesse feito a troca, Yuri ido embora, e o time tivesse nessa fase que não marca gol Advinha qual seria o papo?”

A partir dos exemplos, analisamos essa quebra da condicionalidade com a negação do conector [supondo que X], e, logo, à impossibilidade dessa ocorrência. Logo, vemos que não há mais a marca de conector condicional de [supondo que X], quando ele é negado, em que exemplificamos o usuário-escrevente negar a suposição de ter havido a troca do time do Corinthians do jogador Robert Renan por Yuri Alberto, do Yuri ter saído do time e ele [o time] não ter estado na fase ruim.

De cunho geral acerca da construção [supondo que X], Bueno (2015) afirma que

o supondo que funciona como conector condicional, tal como as conjunções condicionais conhecidas pela gramática da nossa língua. Contudo, [...] ele não pode ser considerado como equivalente à conjunção *se* ou com as demais conjunções condicionais, mas observamos que ele traz traços correspondentes à categoria (Bueno, 2015, p. 105).

Já com relação à construção [vamos supor que X], Tota (2024) propõe que, por ela ser resultado de um enunciado introduzido pelo verbo epistêmico *supor* e se integrando com a conjunção hipotática *que*, ela funciona como um marcador discursivo e é capaz de mediar relações circunstanciais de comparação, que por sua vez se relaciona com o caráter intersubjetivo do falante.

O autor afirma que essa construção adota o conceito de *atitude proposicional*, segundo os estudos de Valentim (2005), em que faz menção ao tipo de atitude que o falante/ouvinte pode expressar por meio do verbo *supor*, em relação a uma proposição, isto é, à realização linguística do conteúdo semântico da referida sentença (Castilho, 2014, p. 688). A partir disso, Martins (1967) afirma que, por meio da postura epistêmica do verbo, a construção acaba por envolver o falante com o ouvinte através da factualidade da declaração proferida, “modalizando o discurso, avaliando o estado de coisas hipoteticamente e fortalecendo a confiança do ouvinte

na proposição comunicada” (Tota, 2024, p. 8).

Tota (2024) afirma que a referida construção não é prontamente reconhecida como forma potencial de comparação, mas ela pode ser argumentada como uma, por se enquadrar na categoria de Construções Imperativas de Atitude Proposicional (CIAP) argumentativa, em que ela envolve a elaboração de analogias orientadas a relações de causalidade, resultado, finalidade ou condição, como vemos em:

(11) “**Vamos supor que** ele começasse a postar no X agora: amanhã Moraes mandava prendê-lo. Estão tentando isso desde janeiro do ano passado, mas não conseguem porque nada funciona, nenhuma narrativa criada, nem a das joias, nem imóveis da famílias, nem cartão de vacina, nem baleia...” (X, 2024, grifos nossos).

O exemplo acima diz respeito ao momento quando a plataforma X ficou inativa no Brasil no segundo semestre de 2024 e o usuário-escrevente relaciona condição e causalidade entre o ex-presidente Jair Bolsonaro começar a postar na rede social (condição e causa) e Alexandre de Moraes prendê-lo no dia seguinte (resultado). Dessa forma, como relata Tota (2024) “as instâncias com o verbo *supor* têm associações estatisticamente mais significativas, mas revelam-se menos favoráveis em relação à ambiguidade. Embora expresse um valor hipotético, o autor afirma que “o conteúdo semântico associado a esse verbo parece rigidamente restrito à noção geral de causalidade, evidenciado por sequências descritivas com orientação argumentativa centrada em relações de causa-efeito e condição” (Tota, 2024, p. 24).

Antes de seguirmos para o capítulo “Pressupostos Teóricos”, se faz relevante ressaltar o estudo de Rubio (2009) acerca da construção [vamos supor X], como vemos no exemplo abaixo:

(12) “Se o Mbappe começasse a jogar o que jogou dos 80 minutos em diante, **vamos supor** nos 70 minutos, já era pra Argentina” (X, 2024, grifos nossos).

Nosso objetivo, no entanto, não é de aqui analisá-la, mas unicamente de evidenciar brevemente os fatores que possam ser semelhantes com a comparação da construção com [vamos supor que X], uma vez que ambas possuem a mesma estrutura formal, com exceção da conjunção *que*.

Nesse sentido, Rubio (2009) propõe a possível trajetória do verbo *supor*:

inicialmente, ele tratava-se de um *verbo pleno*, que, posteriormente, passou a integrar

a perífrase verbal composta do verbo auxiliar + *supor*, passível de conjugação e, que se cristalizou e passou a ser usado na forma fixa com conjugação do auxiliar em primeira pessoa do plural no presente do indicativo + infinitivo, codificando um evento hipotético, [...] e, finalmente [...] passou a funcionar como marcador discursivo, tendo semântica exterior ao conteúdo proposicional (Rubio, 2009: p. 290).

Para o autor (2009), é interessante observar que nessa fixação da construção, o verbo auxiliar permanece na primeira pessoa do plural. Nesses casos, para ele,

ainda que, na maioria das vezes, essas expressões sejam ditas por um único interlocutor e este esteja construindo o texto individualmente, baseado em seu ponto de vista, o uso da primeira pessoa do plural pode ser explicado como uma tentativa, por parte do falante, de comprometer-se apenas parcialmente com o conteúdo do discurso, ou mesmo de amenizar o grande comprometimento causado pelo uso da primeira pessoa do singular (Rubio, 2015, p. 284-285).

O estudo de Rubio (2009), entretanto, parece não se conferir com os mais recentes, porque, embora ele afirme que há casos em que o escopo da construção [vamos supor X]¹⁶ recai sobre a oração introduzida pelo relator hipotático *que*, que englobam toda a situação proposta pelo interlocutor como sendo provável de ocorrer, porém incerta ou fictícia até o momento, ele não demonstra tratar dessa sequência de termos como *chunk*, conforme os postulados de Bybee (2010) acerca dos processos cognitivos de domínio geral.

A seguir, será apresentada a revisão da literatura dos pressupostos teóricos que serviram de base para a análise deste trabalho.

¹⁶ O autor se refere a construção como *vamos supor*, mas optamos por tratá-la como [vamos supor X].

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No presente capítulo é apresentada revisão das perspectivas teórica-metodológicas, neste caso a LFCU (Tomasello, 1998; 2003; Joan Bybee, 2010; Martelotta, 2011; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013), a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), a Teoria da Postura Epistêmica (Dancygier, 1992; Fillmore, 1990; Ferrari, 1999) e a da Conexão Sintática (Evans, 2007; Mithun, 2008; Hirata-Vale, 2017; Decat, 2021; Baroni e Rodrigues, 2021; Rodrigues, 2024).

3.1 Linguística Funcional Centrada no Uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é formada pelos estudos cognitivo-funcionalistas das línguas, os quais entendem que o discurso e a gramática interagem e se influenciam entre si mutuamente (Furtado da Cunha, Bispo, Silva, 2013). A corrente adota, como pressupostos teóricos, a rejeição à centralidade e à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela e o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados do discurso natural (Tomasello, 2003; Martelotta, 2008; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013).

Nesse cenário, Bybee (2010) e Givón (2001) destacam que a língua é um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas. Neste sentido, o objeto de estudo da LFCU é a descrição dos fatos linguísticos com base na propriedades de cunho formais (fonético-fonológicas, morfológicas e sintáticas) e funcionais (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos interacionais de uso da língua, em uma abordagem pancrônica (Bybee, 2010). Já os fatores de análise que se destacam são a frequência de uso, a modelagem das estruturas linguísticas nos contextos discursivos e induções pragmáticas que acompanham a interação, junto às habilidades de cognição de domínio geral não-linguísticas.

A LFCU advoga que, dentro do comportamento linguístico, operam aspectos relacionados a restrições cognitivas que absorvem a captação de experiências, sua compreensão e seu armazenamento na memória, junto a aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada dessas informações (Martelotta, 2011).

Essas construções podem se modificar através do recorrente uso pelos falantes, mediante os processos cognitivos gerais (Bybee, 2010), como *categorização*, *chunking*, *analogia*, *memória rica* e *associação transmodal*, além da compreensão e da capacidade de leitura de intenções (Tomasello, 2003). A partir disso, a LFCU utiliza tais construções para analisar como elas emergem e como se relacionam dentro do *construction*¹⁷.

Segundo Bybee (2010), a *categorização* compreende categorias perceptuais, criadas pela experiência humana, e que a língua serve apenas para 'etiquetá-las' (Lakoff; Johnson, 1999). Ela abrange a semelhança ou similitude que ocorre quando sintagmas (como palavras) e suas partes componentes são reconhecidas e associadas a representações armazenadas na mente do falante. As categorias resultantes são a fundação do sistema linguístico, sejam fonemas, morfemas, itens lexicais, sintagmas ou construções (Bybee, 2010), dentro do domínio linguístico, mas quando pensamos no domínio extralinguísticos, podemos reconhecer e vincular representações do meio automobilístico, como carro, bicicleta e navio.

Por sua vez, o *chunking* atua na capacidade de formar estruturas mais complexas, a partir de sequências de elementos que frequentemente ocorrem juntos (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Do ponto de vista linguístico, essas estruturas correspondem a *construções* e *expressões idiomáticas*, que, em outras palavras, nada mais são do que sequências indicadas por uma única unidade (Bybee, 2010). Esse processo surge, para Chaves e Furtado da Cunha (2019), a partir das necessidades comunicativas de interação social, em que os falantes formulam enunciados para os quais parece não haver expressões apropriadas. Como exemplo de tal processo, tem-se construções como *passé livre*, *prestar atenção*, *fazer sentido*, *marcar horário*, *já que*, *assim que*, *uma vez que*, etc.

A *analogia*, por outro lado, trata-se do processo pelo qual novos enunciados são criados com base em outros previamente experimentados. Conforme Bybee (2010) a respeito, isso se dá, geralmente, quando o membro mais frequente de uma categoria é visto como o centro dela e, por conseguinte, outras construções surgem por analogia ao membro mais central. Dessa maneira, o processo cognitivo em questão implica categorização, posto que os componentes de ocorrências anteriores usadas devem ser segmentados em unidades que são alinhadas e categorizadas para que possam formar novos enunciados (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Assim, utilizando-se dos exemplos tomados em *chunking*, *já que*, *assim que* e *uma vez que* são novos elementos, que foram recrutados para preencherem o espaço do esquema [Xque] – que, logo, abrange diferentes subesquemas com diferentes significados (Oliveira; Arena,

¹⁷ Sobre o *construction*, a bordaremos mais a fundo seus aspectos teórico-metodológicos na sessão seguinte, “O conceito de construção”.

2019).

Já a *memória rica* corresponde ao armazenamento na memória dos detalhes de experiências anteriores, com base em vivências individuais e socioculturais. Do ponto de vista linguístico, esses detalhes incluem nuances fonéticas para sintagmas e palavras, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados (Bybee, 2010).

Por fim, a *associação transmodal* é o processo que condiz com a capacidade do falante de associar o elo entre forma e função, a partir do contato com os cinco sentidos e o modo como eles se relacionam com experiências concorrentes. Desse modo, linguistas funcionalistas se baseiam na relação entre tais processos cognitivos e a linguagem, bem como em explicações de fatores sociocomunicativos, a fim de descrever os processos de variação, mudança e estabilidade de estruturas linguísticas.

3.2 O Conceito de Construção

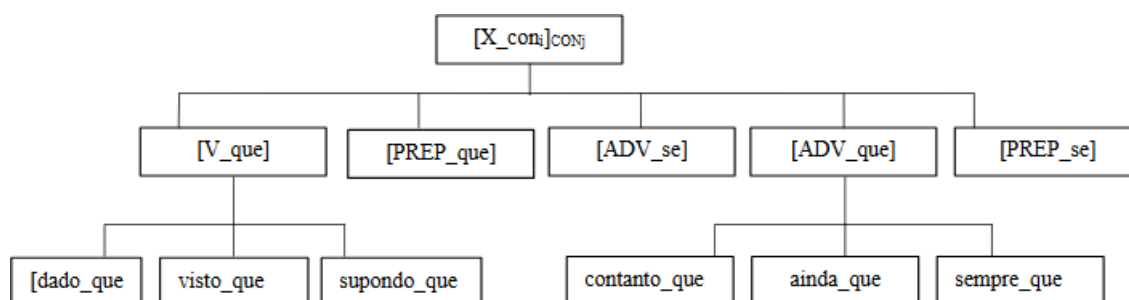
Sob essa perspectiva cognitivo-funcional, a LFCU se concentra no estudo da teoria da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), que traz o entendimento sobre o conhecimento linguístico – ou seja, da gramática – como uma rede de construções, isto é, pareamentos simbólicos de forma-sentido, que são interligados a outros pareamentos e que formam o *construction* do falante (Junior; Cezario, 2020). A rede pode envolver tanto realizações mais concretas, como palavras lexicais, quanto estruturas sintáticas inteiramente abstratas que se adquiram conforme o conhecimento do falante e suas experiências socioculturais, como “Maria vai com as outras”.

Essa rede contempla um sistema hierárquico organizado em três níveis (Traugott e Trousdale, 2013): os esquemas se classificam no nível mais alto, é inteiramente não especificada e com *type* aberto; os subesquemas são lexicalizados em alguma medida, produzindo construções parcialmente específicas e com *type* semiaberto; e as microconstruções se classificam como tipos individuais de construção e instanciadas por construtos (*tokens*), com *type* totalmente especificado.

Assim, a vinculação entre os advérbios *uma vez*, *já* e *assim*, juntamente com o elemento *que* – *uma vez que*, *já que* e *assim que* –, contribui diretamente a um novo pareamento função-forma como um todo às microconstruções, isto é, junções de palavras que, devido à repetição dessa sequência de palavras, geram novos significados (Bybee, 2010). Dessa forma, segundo Oliveira (2019), podemos classificar que o esquema [X_coni]conj gerou a rede construcional

com diferentes subesquemas, tais quais [V_que], [PREP_que], [ADV_se], [ADV_que] e [PREP_se]. Por meio deles, geraram-se novas microconstruções, como [contanto que X], [ainda que X] e [sempre que X]¹⁸, pelo subesquema de [ADV_que], por exemplo. Podemos visualizar essa rede construcional a seguir:

Figura 1 — Esquema¹⁹ [V_que] na rede construcional dos conectores condicionais



Fonte: Oliveira (2019)

Para este trabalho, concentramo-nos especificamente às microconstruções advindas do subesquema [supondo que X] e [vamos supor que X]²⁰, em que “X” preenche o *slot* do restante da oração. Entendemos que a alta frequência entre dois ou mais léxicos (Goldberg, 1995, 2006; Croft 2001) possibilitaram que ambas as construções condicionais, junto aos domínios cognitivos de domínio geral, se armazenassem na mente do falante/ouvinte (Diessel, 2014), e tornando-se, assim, novas unidades de processamento do PB.

3.3 Postura Epistêmica

Em estudo sobre construções condicionais, faz-se necessário relacioná-las com a postura epistêmica, já que, no que tange o nível cognitivo, elas dizem respeito à associação mental do falante acerca do evento descrito na *prótase* (Fillmore, 1990 a, b). Nesse sentido, a relação de causalidade das condicionais não se relaciona entre eventos no mundo descrito, mas através do conhecimento do falante a respeito de um determinado evento e de uma conclusão específica motivada por esse conhecimento (Ferrari, 1999). Segundo Ferrari acerca das características das construções condicionais (1999), elas “estão intimamente ligadas à

¹⁸ A autora trata dessas microconstruções, pertencentes do subesquema [ADV_que] como [contando_que], [ainda_que] e [sempre_que], mas optamos por tratá-las como [contanto que X], [ainda que X] e [sempre que X].

¹⁹ 20 A autora nomeia o que tratamos de esquema como meso-construção.

²⁰ 21 A autora trata dessas microconstruções como [supondo_que] e [vamos_supor_que], mas optamos por tratá-las como [supondo que X] e [vamos supor que X].

criação de espaços mentais²¹ e aos fenômenos de postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem envolvidos na configuração que se vai estabelecendo à medida que o discurso se desenvolve” (1999, p. 122).

Nesse sentido, entendemos que à medida que existe interação entre locutor e interlocutor, as construções condicionais operam mecanismos complexos com funções cognitivas e interacionais. Esses processos envolvem a criação de espaços mentais hipotéticos, a sinalização da postura epistêmica e do ponto de vista do falante com relação aos espaços criados, através da escolha modo-temporal e das estratégias de organização de turnos conversacionais, além da mesclagem de perspectivas de cada um (Ferrari, 1999).

Além disso, Dancygier (1992) propõe que o objetivo das condicionais epistêmicas e pragmáticas não está voltado à *predição*, isto é, à capacidade de projetar uma hipótese a uma situação futura e possível de se realizar ou não, mas de demonstrar a *crença* do locutor acerca dele. Daremos como exemplos dois dados de nossa pesquisa:

(13) “**Supondo que** Rojas venha mesmo, a melhor escalação com oq temos hj é o 3-5-2. Cassio; Gil, Murillo, B. Mendez Rojas, Renato, fausto, Maycon, Bidu; Roger e Yuri” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(14) “Irmão,mas o NUNES não ganha do BOULOS. **Vamos supor que** ele seja melhor que o Marçal,OK. Mas contra o Boulos,ele não ganha,ele não tem a mesma popularidade que o Marçal. Entendeu? Por isso que o povo está focado no Marçal,a maioria ja entendeu isso.” (X, 2024, grifos nossos).

Na ocorrência (13), o usuário-leitor se utiliza da estrutura da condicionalidade para expôr sua opinião quanto à melhor escalação do time do Corinthians, levando em conta que o jogador Rojas participe da escalação. Já no exemplo (14), o usuário-leitor acredita que, ainda que o candidato a prefeito de São Paulo Ricardo Nunes seja melhor que Pablo Marçal, ele não vence as eleições contra Guilherme Boulos.

Com relação a essa crença do falante, provinda da postura epistêmica a partir da *atitude do falante*, Fillmore (1990, p. 42) afirma que ele [o falante ou usuário-escrevente] pode ter três

²¹ Um dos fatores de nosso trabalho é a postura epistêmica, e, para isso, menciona “espaços mentais” ao abordar construções condicionais se faz extremamente válido. À grosso modo, “espaços mentais são modelos parciais ou locais de aspectos do conteúdo mental; são diferentes de mundos possíveis, na medida em que não são de natureza objetiva, não são necessariamente passíveis de descrição em termos de condições de verdade e não são globais (...) No que diz respeito às construções condicionais, Fauconnier argumenta que ao se criar um espaço mental a partir de ‘Se João tivesse vindo à reunião, eu estaria mais feliz’, o que se enfoca é uma porção limitada da estrutura do mundo: cria-se um espaço no qual João veio à reunião, e as outras estruturas locais (tais como hora, local e outros participantes) provavelmente mantêm-se as mesmas” (Ferrari, 1999, p. 116-117).

condições epistêmicas com o mundo representado pela condicional. São elas: a) ele pode considerá-lo como o mundo real; b) distinto do mundo real e c) pode não saber se ele é o mundo real ou não. Classificamos essas três posturas como *epistêmicas positiva, negativa e neutra*, respectivamente. Nesse sentido, Ferrari afirma que “a noção de perspectiva subjetiva do falante (ponto de vista) refere-se ao espaço a partir do qual outros espaços são criados, sinalizando o grau de inserção do falante à cena descrita” (1999, p: 119). Fillmore (1990 a,b) também estabelece que tal noção se embasa no conteúdo que é expresso na *prótase*²² de uma *oração hipotática condicional*.

Leão (1961, p. 31-32) relaciona essas posturas epistêmicas em *período hipotético do real, do potencial* e do *irreal*. No *realis* (ou postura epistêmica positiva), entende-se que a condição é ou deve ser realizada efetivamente; no *período hipotético do potencial* (ou postura epistêmica neutra), entende-se que a condição é possível, eventual, e no *irrealis* (ou postura epistêmica negativa), a condição é contrária à realidade, seja por que não pôde, seja por que nunca poderá se realizar.

Gomes e Monkey (2011)²³ propõem que uma condicional correspondente ao período *hipotético do real* (ou de postura epistêmica positiva) indica o fato aceito pelo falante; o *período hipotético potencial* (ou de postura epistêmica neutra) indica o fato incerto pelo falante, que é quando ele não é real no momento da enunciação, mas que tem possibilidade ou potencialidade de ainda se tornar realidade; e o *período hipotético irreal* (ou de postura epistêmica neutra) indica o fato não-aceito, em que o locutor e interlocutor sabem que o fato é imaginário. Vejamos a análise que fizemos de alguns dados a partir dessa classificação:

(15) “**Supondo que**, em julho eu vá começar a faculdade de TI (análise e desenvolvimento de sistemas), tenha curiosidade na área de desenvolvimento web, seja um design gráfico e não saiba nada de programação ... quais as dicas que vocês dessa rede social podem passar?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(16) “**Vamos supor que** no Brasil estupro é permitido e cultural, vc tem uma filha no qual violentassem, vc ia aceitar?” (Twitter, 2024, grifos nossos).

Nos exemplos acima, os usos de [supondo que X] e [vamos supor que X] podem estar voltados à *postura positiva* do falante, já que, em (15) ele considera que em julho ele começará a estudar TI, que tem curiosidade na área de desenvolvimento web, que será um design gráfico

²² Como já mencionado, tratamos o termo *prótase* aquilo que optamos por tratar como hipotática.

²³ Neste trabalho, seguiremos a nomenclatura acerca da postura epistêmica sob tal rótulo de Gomes e Monkey (2011).

e que não saiba nada de programação como real, e a partir disso pede dicas para os internautas do *Twitter*; e em (16), ele considera real o estupro ser permitido e cultural no Brasil para, a partir disso, indagar seu interlocutor se ele aceitaria isso. Para Ferrari (1999) e Gomes e Monken (2011), esse tipo de postura epistêmica pode ser marcado pelo *presente do indicativo*. Vejamos casos de ocorrência quanto à *postura neutra* nos nossos dados:

(17) “Uma dúvida quanto a essas finais de conferência da NBA, **supondo que** tanto Denver como Heat resolvam fazer 4x0 nas suas séries, o início das finais seria antecipado?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(18) “**Vamos supor que** uma pessoa tenha dupla cidadania, e essa pessoa cria uma conta no outro país, no qual é cidadã, e aí utiliza essa conta em território brasileiro. Essa pessoa poderia sofrer punições?” (Twitter, 2024, grifos nossos).

Os usos de [supondo que X] e [vamos supor que X] em (17) e (18) podem estar voltados à *postura neutra* do falante, já que, em (17) ele demonstra a incerteza quanto à data da final da liga de NBA caso os times norte-americanos de basquete Denver e Heat ganhem de 4x0, que é marcado ainda mais por uma *dúvida*; e em (18), ele demonstra desconhecimento de mundo acerca do assunto de dupla cidadania, e por isso questiona o usuário-leitor se alguém pode ter duas cidadanias e criar uma conta no outro país que é cidadã e usá-la em território brasileiro, na oração seguinte. Como abordam Ferrari (1999), Gomes (2008) e Gomes e Monken (2011), esse tipo de postura está marcada pelo *futuro do subjuntivo*. Vejamos casos de ocorrência quanto à *postura negativa* nos nossos dados:

(19) “**Supondo que** não tivesse 100 mi de saf, como seria o time do Vasco? Batman, um lateral direito, Miranda, Conceição, Edimar. Yuri, Barros, galarza, Teixeira, Pec e Raniel. A pontuação não seria diferente e vemos umas peças que são usadas hj. É mto fora Bracks e fora barbieri” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(20) “**Vamos supor que** Bolsonaro anunciasse seu apoio ao Marçal, como vc iria reagir?” (X, 2024, grifos nossos).

Por fim, os usos de [supondo que X] e [vamos supor que X] em (19) e (20) podem estar voltados à *postura negativa* do falante, já que eles se mostram fora da realidade: em (19), o Sistema de Administração Financeira (SAF) do time do Vasco tem um orçamento maior de 100 milhões de reais, e por isso consegue investir em jogadores caros. O usuário faz, assim, uma hipótese de como seria se o time não tivesse essas condições financeiras. Já em (20), o usuário-

escrevente cria uma situação imagética de que Jair Bolsonaro demonstra apoio político a Pablo Marçal. Entretanto, ele parece não acreditar que isso aconteça de fato, já que o pretérito imperfeito do subjuntivo corroboram para essa marca da *postura epistêmica negativa* (Ferrari, 1999).

Nesta sessão, procuramos abordar brevemente como ocorre o fenômeno da postura epistêmica, para além com os usos de [supondo que X] e [vamos supor que X]. No capítulo postulado de análise, descreveremos melhor essa relação, em que buscaremos comparar quais posturas epistêmicas foram apresentadas nas referidas construções.

3.4 Conexão Sintática

Para Baroni e Rodrigues (2021), estruturas equivalentes às que a Gramática Tradicional trata como *subordinada substantiva objetiva direta* e *subordinativa adverbial condicional* vêm despertando o interesse de diversos linguistas, tendo em vista os rumos de mudança linguística que essas construções vêm tomando. Isso porque, para Matthiessen e Thompson (1988), precisou-se olhar para as construções do ponto de vista do discurso também, e não só da gramática, e, conforme relata Hirata-Vale (2017), nas gramáticas de cunho tradicional, “já não mais se adequava a uma série de fatos linguísticos que passaram a ser analisados levando em conta seu uso, em situações efetivas e reais de interação social” (2017, p. 84). Evans (2007) classifica essas construções como *insubordinadas*, ou seja, o termo do fenômeno pelo qual cláusulas essencialmente idênticas às *hipotáticas* são usadas de forma independente, isto é, sem a presença de uma matriz. Essas construções podem vir a separar os dois períodos por meio de um ponto final (Decat, 1999; 2011; 2019; 2021; Rodrigues, 2011; 2019; 2021, mesmo que não empregando o rótulo *insubordinação*), e que, por não terem um item lexical e não estarem de fato ligadas à *cláusula matriz*, nomeiam-se assim. Vejamos nos nossos dados:

(21) “**Supondo que** você pudesse montar um país com apenas 5 estados brasileiros. Quais seriam?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(22) “Agora **vamos supor q** você queira acessar um site/app que não está disponível no seu país. Pra fazer isso, é só baixar o Proton VPN, negar as propagandas e as ofertas (DA PRA USAR DE GRAÇA), e clicar ali no botão de ligar no “Mais rápido”. De nada” (X, 2024, grifos nossos).

Os exemplos acima apontam que embora haja uma relação semântica entre dois

períodos, a separação delas pelo ponto final faz com que haja ruptura da estrutura sintática e que elas não possam ser denominadas de cláusulas *matriz* e *hipotática*, mas de *in subordinadas*.

Desse modo, em (21) o usuário-escrevente questiona o usuário-leitor quais 5 estados brasileiros ele escolheria para um novo país, e o conteúdo semântico não interfere na perda de sentido pelo ponto final que separa ambos períodos. Já em (22), o usuário-escrevente não leva o usuário-leitor a um questionamento, mas o ensina a usar VPN no caso de um aplicativo estar bloqueado em seu país. Da mesma forma, o uso do ponto final não implica igualmente na perda do conteúdo, mas, juntamente com a construção [vamos supor que X], ela introduz o dado e abre um novo espaço mental a partir da realidade hipotética, que no caso é a de que ele queira acessar um site bloqueado.

Conforme um estudo recente de Rodrigues (2024), as *construções in subordinadas* costumam trazer dificuldades para a descrição linguística, uma vez que

permitem questionar a relação de (in)dependência sintática, semântica e pragmática entre orações no âmbito do período composto. Isso porque as orações antes mostradas se comportam como principais, subsistem sozinhas e funcionam como unidades informacionais, sendo bem mais frequentes do ponto de vista do uso do que pensamos, não só na fala, mas também na escrita (Rodrigues, 2024, p. 215).

Para Hirata-Vale (2017), esse fenômeno vai além da mudança de cunho sintático. Segundo ela, “essas construções contribuem para a organização textual, expressam as atitudes dos falantes e a relação intersubjetiva entre falante e ouvinte²⁴, o que mostra o alargamento do seu escopo de aplicação, indo além do nível sintático para o nível discursivo” (Hirata-Vale, 2017, p. 90).

Mithun (2008) acrescenta que essas construções devem ser avaliadas nos níveis semântico e pragmático, dado que há uma *extensão funcional*, que é dizer que elas desempenham domínios discursivo e pragmáticos mais amplos, além do próprio nível sintático. Segundo ela, “o que ocorre não é o apagamento de uma oração principal²⁵, e sim um processo discursivo por meio do qual uma oração anteriormente ligada, na sintaxe, a uma principal passa a ter seu funcionamento avaliado em um nível textual-discursivo” (2008, citado por Hirata-Vale, 2017, p. 86-87).

Segundo Evans (2007), as *in subordinadas* mais frequentes são construções que envolvem controle interpessoal e, geralmente, surgem como complementos de predicados de solicitações, desejos, possibilidades ou, ainda, como construções finais com condições implícitas.

²⁴ ou usuário-escrevente e usuário-leitor, para o nosso caso com a plataforma Twitter/X.

²⁵ A autora se refere à oração principal a o que optamos por nomear oração matriz.

Além das ocorrências mencionadas nas *insubordinadas*, Decat (2021) e Rodrigues (2019; 2021) distinguem as *completivas desgarradas* das *completivas insubordinadas*. Para a autora, neste primeiro caso, as *completivas* vem acompanhadas de algum material linguístico recuperável no discurso adjacente, enquanto, no segundo caso, as *insubordinadas* ocorrem sem a presença de material linguístico. Vejamos nos nossos dados:

(23) “#NHLnaESPN **Supondo que** as finais sejam entre Vegas e Flórida. Quem será mais importante Matthew Tkachuk ou Mark Stone ?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(24) “**Vamos supor que** todo mundo volte a usar o BeReal” (X, 2024, grifos nossos).

Nos exemplos acima, observamos o caso de uma *oração desgarrada*, em (23), uma vez que o material linguístico do primeiro período é recuperável para o questionamento que se faz no segundo período, acerca de qual dos jogadores de hóquei americano ser mais importante para a situação hipotética de finais entre os times Vegas e Flórida. Já em (24), não encontramos nenhum material linguístico que precede o período que supõe internautas do mundo inteiro voltarem a usar o aplicativo *BeReal*, e por isso, casos como esse seriam de *insubordinadas*.

No entanto, no estudo mais recente de Rodrigues (2024) a autora deixa de fazer essa distinção na nomenclatura, considerando ambos os tipos com o rótulo de *insubordinadas*, já que reúnem estruturas de materialização linguística, que guardam semelhanças com as *hipotáticas*, mas atuam de forma independente.

Outrossim, Evans (2007) defende que a trajetória das *insubordinadas* é marcada pela ocorrência da *elipse* de uma cláusula matriz²⁶, ou seja, “uma cláusula matriz²⁷ é omitida em uma sentença complexa e a cláusula hipotática assume o significado originalmente associado à sentença como um todo” (Rodrigues, 2024, p. 218). O exemplo (16) retrata esse fenômeno, uma vez que não encontramos a cláusula matriz, que é apagada, mantendo-se apenas a *insubordinada*.

Neste trabalho, ao que tange à *insubordinação*, Hirata-Vale (2017)²⁸ postula que elas estão relacionadas às *atitudes do falante* e são usadas para expressar significados subjetivos, como os desejos. Segundo a autora, isso pode se mostrar pelo uso de interrupção do fluxo de informações, o ponto de exclamação ou as reticências, por exemplo, como vemos a seguir no dado de nossa amostra:

²⁶ O autor se refere à cláusula principal ao que optamos por nomear cláusula matriz.

²⁷ A autora se refere à cláusula principal ao que optamos por nomear cláusula matriz.

²⁸ A autora utiliza a nomenclatura de construções condicionais insubordinadas (CCI) ao que nos referimos de construções insubordinadas.

(25) “**Supondo que** um estudante de jornalismo do ultimo semestre precise de horas complementares e não sabe muito onde conseguir agora.. o que ele poderia fazer e como?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

Nesse sentido, ao usuário expressar sua incerteza em o que precisa fazer para conseguir horas complementares na faculdade de jornalismo, no exemplo acima, ele utiliza o uso de reticências para exprimir ainda mais sua dúvida acerca do assunto, a partir da pausa informacional marcada, antes de trazer levantar o questionamento sobre o que poderia fazer e como. Isso acontece, pois, como aborda a mesma autora acerca disso, em situações intersubjetivas, “percebe-se que o falante está ciente da presença de seu interlocutor, e a construção *insubordinada* é usada para expressar ordens, pedidos, ameaças, valores que se relacionam essencialmente com as estratégias de preservação de face” (Hirata-Vale, 2017, p. 90, grifos nossos).

Com relação a essa estratégia de *preservação de face* (Andrade, 2014; Ely & Cezario, 2023a, p. 254), entendemos ser um mecanismo que, como o nome já diz, preserva a face do falante, com relação ao que ele diz. Em outras palavras, é quando o falante não se compromete com o que está sendo dito, e se isenta do compromisso perante a veracidade do fato apresentado. Isso é marcado significativamente em *construções hipotéticas* como forma de amenizar o que está sendo dito, isto é, a força discursiva de sua opinião (Andrade, 2014). Hirata-Vale (2017) explica que esse fenômeno é muito comum nas *construções insubordinadas*, justamente por apresentarem um “juízo subjetivo do falante, à respeito da verdade ou “desejabilidade” da situação, que, como tal, não precisa ser complementado por uma oração matriz²⁹” (Hirata-Vale, 2017, p. 90). Vejamos no dado que coletamos:

(26) “Pensando no quanto eu vou chorar assistindo o show da Taylor de casa se chorei até no do Justin (isso **supondo que** ela realmente venha, e se ela vier com ctz não vai permitir transmitirem o show no multishow por exemplo então teremos q assistir numa live d qualidade paçoca” (Twitter, 2023, grifos nossos).

No exemplo acima, o falante expõe que irá se emocionar quando assistir ao show da cantora Taylor Swift de sua casa, e faz um adendo de que isso só aconteceria se a artista realmente vier. Esse mecanismo se dá a partir do que Hirata-Vale (2017) trata de *CCI*

²⁹ A autora se refere à oração principal a o que optamos por nomear oração matriz.

metatextual, em que o falante/usuário procura deixar o texto mais claro, e para isso faz uma ressalva ou adiciona uma informação. A estratégia da *preservação de face* se dá quando o usuário não se responsabiliza caso a cantora não venha, de modo que o que mencionou anteriormente não se sucederia.

Dessa forma, como aborda a autora (2017), as *insubordinadas* funcionam não apenas para a *preservação de face* ou à atenuação, mas também em propriedades funcionais relacionadas com a situação discursiva. Além disso, entendemos que o que pode estar vinculado a essa estratégia de *proteção de face* é o que Chafe (1980) trata de *unidade de informação*, isto é, ao “‘jato de linguagem’, que carrega em si toda a informação que pode ser ‘manipulada’ pelo falante em um único foco ou estado de consciência” (Baroni e Rodrigues, 2021, p. 301).

Além desses mecanismos da postura epistêmica e proteção de face, a *intersubjetivização* (Verhagen, 2008; Hirata-Vale, 2017) atua conjuntamente nas *insubordinadas*, em que

[...] a expressão explícita da atenção do falante/escritor à imagem do ouvinte/leitor tanto no sentido epistêmico (ao prestar atenção às suas pretensas atitudes em relação ao conteúdo expresso), e em um sentido mais social (ao prestar atenção à sua ‘face’ ou ‘necessidade de imagem, associadas à postura social e identidade) (2003, apud BRINTON, 2013, citado por Hirata-Vale, 2017).

Assim, no caso de [supondo que X] e [vamos supor que X], entendemos ainda que o interlocutor participa da cena, como vemos em:

(27) “**Supondo que** eu tenho tomado meu antidepressivo duas vezes hoje. vai dar ruim?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(28) “Mas esse é o problema. Já ouviu falar na teoria dos frutos da árvore envenenada? Normalmente se usa pra provas. **Vamos supor que** você faz uma escuta ilegal, e com base nela, obtém uma outra prova que você não obteria sem ter feito a escuta antes. A escuta é a árvore envenenada” (X, 2024, grifos nossos).

Nos exemplos acima, entendemos que o usuário-escrevente convida o usuário-leitor a imaginar a cena enunciada, como um convite de se colocar no lugar dele. Em (27), o emprego do pronome *eu* quando o usuário-escrevente enuncia que tem tomado seu depressivo duas vezes naquele dia faz com que a cena ainda se concentre apenas nele; mas isso muda quando ele questiona o usuário-leitor se ele acha que isso o prejudicará. Isso só é possível, no entanto, quando ele se envolve no cenário e se imagina sendo locutor, em uma situação semelhante. O

mesmo ocorre em (28), em que o usuário-escrevente indaga o usuário-leitor se este conhece a teoria dos frutos da árvore envenenada, para trazê-lo à cena, ao exemplificar a teoria, quando o convida a se imaginar em uma escuta ilegal e, a partir dela, obter uma outra prova. Isso é marcado ainda mais pelo emprego do pronome *você*, como se fosse um bastão do usuário-escrevente para o usuário-leitor, para participar da cena, além do próprio diálogo que a plataforma permite, já que, embora não haja uma estrutura prototípica de diálogo, se estabelece uma relação entre o usuário-escrevente e o usuário-leitor da postagem e por isso não há como não reconhecê-lo como tal (Rodrigues, 2021).

Além desses exemplos, o exemplo (21), já mencionado, também é capaz de retratar tal mecanismo:

(29) “**Vamos supor que** todo mundo volte a usar o BeReal” (X, 2024, grifos nossos).

No exemplo acima, entendemos que o fenômeno da *elipse* dentro das *insubordinadas* corrobora com que a intersubjetividade seja ainda maior: o usuário-escrevente projeta uma situação hipotética no usuário-leitor, e cabe a este outro imaginar com ele a cena, para que o diálogo possa seguir. Dessa forma, o usuário-leitor imagina e se coloca na cena de que todas as pessoas voltaram a usar o aplicativo *BeReal*, para a partir daí, ele poder contribuir com suas crenças e achismos ao que se prossegue na situação hipotética.

Ao que cabe a abordagem mais a fundo quanto à conexão sintática, analisaremos, no capítulo “Análise e resultados”³⁰. Por sua vez, antes de partirmos propriamente para essa análise, bem como dos outros fatores, descreveremos no capítulo a seguir a metodologia utilizada para a análise quali-quantitativa de nossa *coleta*, que se deu na plataforma *Twitter/X*.

³⁰ Optamos por restringirmos os vários tipos de nomenclatura quanto às *insubordinadas* para apenas a de *insubordinada*, tendo em vista que tratamos de outros fenômenos no presente estudo, e nosso foco principal a cerca desse fenômeno é entender se a construção é hipotática, ou seja, possui uma matriz e uma hipotática, ou se é *insubordinada*, em que atua com características semelhantes às das hipotáticas, mas que são independentes sintaticamente (Rodrigues, 2024).

4. METODOLOGIA

A análise proposta neste trabalho é de cunho quali-quantitativo. Foram coletados, por questões metodológicas, um total de 180 dados escritos das construções [supondo que X] e [vamos supor que X] do *Twitter*³¹/*X*³², sendo 90 dados de cada. Essa plataforma foi escolhida porque é uma rede social com tweets diários e, portanto, atuais. Além disso, a possibilidade de interação entre usuário-escrevente e usuário-leitor no *Twitter/X* faz com que haja valores pragmáticos mais intersubjetivos.

Ademais, a plataforma disponibiliza recursos de filtragem e busca avançada a partir de (a) contas, (b) filtro, (c) engajamento, (d) palavras e (e) data, que foram utilizados para a coleta de nossa pesquisa. Procuramos em (a) restringir nossa coleta apenas em contas de usuários brasileiros; (b) todos os tipos de *tweets*, sejam os originais, sejam os que incluem respostas e *retweets* e até o uso de mídia com o *tweet*, contanto que contenham um mínimo de contexto; (c) os 90 *tweets* mais recentes de cada construção, independentemente do número de curtidas ou compartilhamento; (d) a sequência de *chunk* de “supondo que” e “vamos supor que”, nessa ordem, e em que o idioma utilizado fosse o PB³³ e (e) entre a data de 10/05/2023 a 02/06/2023 de “supondo que” e entre a data de 30/08/2024 a 05/09/2024 de “vamos supor que”, porque foi o período que fizemos a coleta de ambas as construções.

Faz-se necessário ressaltar que, com relação à filtragem de palavras, descartamos os dados que levam a ocorrência de construções com essa sequência de palavras como percepção mental que designa um estado cognitivo, tendo em vista que nosso foco se concentra em *funções condicionais*, as quais projetam uma hipótese e atuam com a *predição*.

4.1 Fatores de Análise

Com relação aos fatores de análise, observamos que eles tendem a se dialogar entre si e inevitavelmente traremos isso em nossa análise. No entanto, para fins didáticos, optamos por separar cada um dos fatores para cada sessão, a fim de apresentá-las um a um. Os resultados da análise desses fatores encontram-se no capítulo 5.

³¹ <https://twitter.com>.

³² <https://x.com/home>.

³³ A plataforma *Twitter/X* não permite a busca específica por twittes do PB, dentro das variações da língua portuguesa. Nesse sentido, nossa seleção rigorosa se deu por meio do foco em contas de usuários brasileiros.

4.1.1 Conexão Sintática

Com relação ao fator conexão sintática, avaliamos os períodos iniciados por [supondo que X] e [vamos supor que X] como *hipotáticas* e/ou *insubordinadas*, de acordo com Rodrigues (2024). Nesse sentido, entendemos as *construções hipotáticas* como as que a Gramática Tradicional observa uma dependência sintático-semântica entre a oração *matriz* e a *cláusula*. Ademais, também as classificamos assim em casos em que o que antecede as construções seja os dois pontos, já que, diferente das outras pontuações, entendemos este como quando um elemento que atua tanto semântico quanto sintaticamente na ligação de conteúdo entre as proposições.

As *insubordinadas*, por sua vez, são as construções que não parecem funcionar como *hipotáticas*, já que não encontramos a presença de uma *matriz*, mas como um acréscimo/complemento de ideia no enunciado do usuário-escrevente, além de introduzirem um espaço mental de condição. Esses casos costumam vir entre vírgulas, parênteses e travessões. Além disso, também consideramos como *insubordinadas* quando, ainda que haja coesão semântica, há ponto final, reticências, travessão ou exclamação marcando uma separação sintática entre as proposições, assim como quando acontece a *elipse*³⁴. Ainda, postulamos de *insubordinadas* as construções que se interligam com frases com marcador discursivo, como “e ai????”, já que não há correspondência sintática.

É importante salientar que, nos casos em que nenhuma pontuação separava as construções que semanticamente se interrelacionam, analisamos se a segunda oração se manifesta com letra maiúscula ou não. Em caso afirmativo, entendemos que o usuário-escrevente iniciou um novo período, e por isso postulamos esses casos de *construções insubordinadas*; e em caso negativo, postulamos os períodos que levam as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] como *hipotáticas*.

Acreditamos que a análise desse fator é fundamental para a comparação das construções, tendo em vista que, a depender dos critérios mencionados, ele pode mostrar a tendência do processo da *insubordinação*, com marcas mais intersubjetivas e relacionadas à *atitude do falante* [ou do usuário-escrevente], como forma da necessidade de ele expressar suas crenças e, por elas, dialogar com o usuário-leitor. Ainda, a partir dessa importância desse fator, reiteramos a necessidade de mais estudos desse processo, inclusive pela Gramática Tradicional.

³⁴ Como já abordado em “Pressupostos Teóricos”, usaremos a nomenclatura de *insubordinada* nos casos de *elipse*, pois como mencionamos, os estudos recentes de Rodrigues (2024) não os distinguem mais.

4.1.2 Ordem Frásica

Com relação ao fator de ordem frásica, avaliamos as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] em posição *interfrásica* e *intrafrásica*, em que a primeira se refere aos casos em que as construções introduzem um período novo; e a segunda, aos casos em que elas se manifestam entre sentenças. Acreditamos que a posição das construções pode estar atrelada a quando o usuário-escrevente, na *ordem interfrásica*, deseja logo envolver seu usuário-leitor, em que já introduz um período com uma suposição, que conseqüentemente abre o espaço mental de condição; ou quando deseja retomar informações já mencionadas para supor um evento, na *ordem intrafrásica*.

Classificamos como *intrafrásicas* as construções que se manifestam em posição intermediária em períodos, podendo vir depois de vírgulas ou de parênteses. Há casos em que há o uso indevido de vírgulas no dado, mas, desde que as construções não estejam em maiúsculo, as analisamos como *intrafrásicas*. Quando elas se manifestam em maiúsculo, entretanto, ainda que muitas vezes com o uso “indevido” do ponto final e de vírgula, por exemplo, as classificamos como *interfrásicas*, pois entendemos que o usuário-leitor pretende iniciar um novo período. Além disso, também entendemos que o período pode se iniciar com letra maiúscula ou não, já que isso é escolha do usuário-leitor, mas que é o ponto final ou reticências que classificam a construção como *interfrásica*, por ele encerrar um período e dar início a um novo.

Além desses critérios, também analisamos os dados em que marcadores discursivos, como “ok então”, “aí”, “hahahahaha”, “agora” e “realmente”, que iniciam um período e que antecedem o [supondo que X] e [vamos supor que X] como *interfrásicos*, porque eles apenas servem como recurso de coesão sequenciador, reflexos de expressões orais na escrita em que há interação entre dois interlocutores, mas que não possuem função sintática. Também classificamos períodos que introduzem vocativos e que precedem [supondo que X] e [vamos supor que X], como “Mano Menezes” e “@JoanaMortagua”, como *interfrásico*, ao serem elementos vocativos, sem função sintática. Além disso, também definimos que [supondo que X] e [vamos supor que X] são *interfrásicos*, quando precedem dois pontos em um contexto que o que antecede abre um espaço mental genérico, como “reflexão do meio-dia” e “povo de Salvador”.

Já com relação à classificação de *intrafrásica*, consideramos que [supondo que X] e

[vamos supor que X] também são assim analisados quando vêm precedidos por uma conjunção, como foi o caso recorrente da conjunção opositiva “mas”, já que ela é um elemento linguístico que possui função sintática e quando vêm precedidas por dois pontos em um contexto mais restrito de um usuário-leitor mais específico ao conteúdo que o usuário-escrevente deseja direcionar, como “uma pergunta fria aos amigos vascaínos”, ou em um contexto que precede uma explicação, como “eu explico”, o que nos leva a definir esses períodos justapostos como elementos fundamentais, inclusive na função sintática.

4.1.3 Modo Verbal

Com relação ao fator de modo verbal, avaliamos as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] com verbos no *indicativo*, *subjuntivo* e *imperativo* no período em que as referidas construções aparecem. Nosso objetivo é o de entender se haveria o maior indício de verbos no subjuntivo, como é de nossa hipótese, tendo em vista o espaço condicional que as construções abrangem junto à possibilidade do conteúdo anunciado acontecer ou não (postura epistêmica neutra), ou se há a tendência de verbos no indicativo, pela postura epistêmica positiva, que corrobora com a manifestação da crença/desejo do falante ao conteúdo (Gomes e Monkey, 2011).

4.1.4 Tempo Verbal

Com relação ao fator de tempo verbal, avaliamos as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] com verbos no *presente*, *futuro* e *pretérito* período em que ambas construções se manifestam e procuramos, com isso, observar qual a tendência verbal entre as *construções hipotáticas* e as *matrizes* e entre as *insubordinadas*, bem como analisar de que forma ele contribui para a *postura epistêmica* do usuário-escrevente.

4.1.5 Postura Epistêmica

Com relação ao fator de postura epistêmica, avaliamos as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] com posturas epistêmicas *positiva*, *negativa* e *neutra*, de acordo com o

evento postulado pelo próprio usuário-escrevente como *aceito*, *não-aceito* e *incerto*, respectivamente, seguindo o rótulo de Gomes e Monken (2011). Nesse sentido, entendemos as construções que se rotulam como *postura positiva* as possíveis de acontecer pela crença/desejo do usuário-escrevente; as de *postura negativa*, as não-possíveis de acontecer ou fora de suas crenças (como é o caso com a ironia) e as de *postura neutra*, as que são condizentes à realidade e são possíveis de ocorrer.

O que nos serviu de auxílio para nossa classificação também foi entender sua relação com o tempo e modo verbal: rotulamos como *postura positiva* casos em que os verbos se manifestam no *presente do indicativo* (Ferrari, 1999; Gomes e Monkey, 2011); como *postura negativa* os que se manifestam com o *pretérito imperfeito do subjuntivo* e como *postura neutra* os que se manifestam com o presente do subjuntivo (Gomes e Monkey, 2011).

Acreditamos que a análise acerca da postura epistêmica de [supondo que X] e [vamos supor que X] seja fundamental para compararmos de que forma os graus de incerteza ou dúvidas, crenças ou descrenças podem influenciar nas intenções comunicativas no discurso semântico-pragmático das construções mencionadas.

4.1.6 Proteção de Face

Com relação ao fator de proteção de face, avaliamos se as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] possuem ou não proteção de face, consoante Andrade (2014) e Ely & Cezario (2023a, p. 254). Nesse sentido, procuramos identificar se o usuário-escrevente parece se comprometer com o conteúdo manifesto e se isenta da veracidade dele se suceder ou não. Acreditamos que esse fator pode se suceder ainda mais em contextos intersubjetivos, que é quando o usuário-escrevente procura dialogar com seu interlocutor e procuramos analisar se isso ocorre mais em [supondo que X] ou em [vamos supor que X].

Neste capítulo, vimos os fatores que analisaremos perante as construções [supondo que X] e [vamos supor que X], juntamente com cada critério que postulamos para nossas classificações. No capítulo seguinte, traremos propriamente a análise e os resultados desses seis fatores nas respectivas construções.

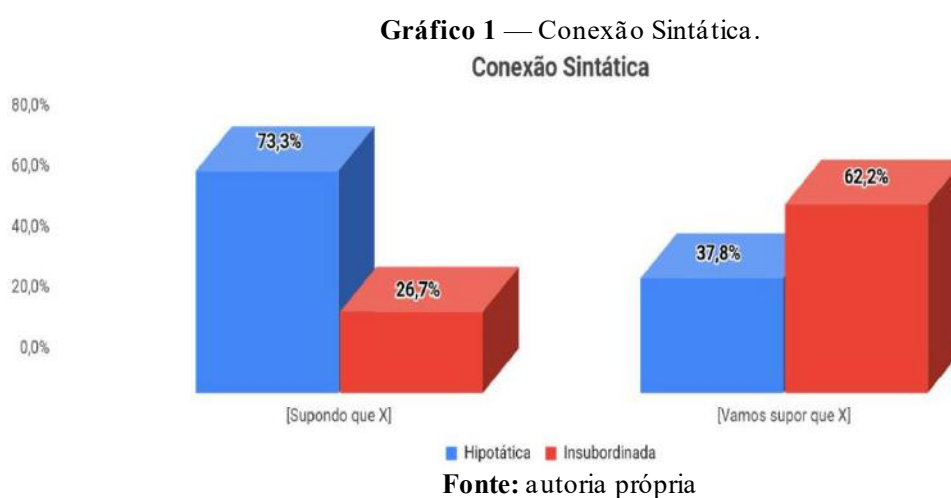
5. ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através da análise dos seis fatores que nos baseamos para a investigação dos usos das construções [supondo que X] e [vamos supor que X]. Reiteramos que esses resultados são referentes a um total de 180 dados, sendo 90 de cada construção³⁵. Para isso, organizamos este capítulo em cinco sessões, em que cada uma contempla a análise quali-quantitativa e os resultados de cada um dos fatores, os quais serão ilustrados através de gráficos³⁶.

5.1 Conexão Sintática

Observamos a ocorrência das construções [supondo que X] e [vamos supor que X] como *hipotáticas* e *insubordinadas*, a fim de analisarmos os graus da conexão sintática e entendermos suas possíveis tendências pelos contextos discursivo-pragmáticos. Nossa hipótese preliminar apontava para predomínio das *hipotáticas* em [supondo que X] e das *insubordinadas* em [vamos supor que X].

Os resultados estão no gráfico (1), abaixo:



Como podemos observar, a construção [supondo que X] se apresenta majoritariamente

³⁵ Reiteramos que esses dados fazem parte da pesquisa de iniciação científica, orientada pela Profa. Maria Maura Cezario e pela doutoranda Leyla Ely.

³⁶ Reiteramos que não apresentaremos gráficos na seção “Proteção de face”, pois acreditamos que esse fenômeno está presente tanto em [supondo que X] e [vamos supor que X] e não temos como objetivo fazer o levantamento quantitativo do grau de saliência nelas, mas apenas da análise qualitativa.

em orações hipotáticas (73,3%). Já a construção [vamos supor que X] se apresenta principalmente em orações subordinadas (62,2%), mas ela não deixa de ocorrer significativamente também nas orações hipotáticas (37,8%), por causa da relação de causalidade (condição na hipotática, causa na matriz) em construções condicionais (Tota, 2024)³⁷. Já a construção [vamos supor que X] se apresenta principalmente em *orações subordinadas* (62,2%).

Com relação às *subordinadas*, notamos que elas se decorrem consideravelmente quando o usuário-escrevente deseja acrescentar alguma informação/opinião extra que não necessariamente possui ligação sintática com alguma oração (Rodrigues, 2024), mas apenas semântica, em que opera como um novo espaço mental a partir do anterior (Ferrari, 2015). O uso de pontuações como as reticências (30), as vírgulas (31) e os travessões (32) são exemplos disso:

(30) “Ô, néscia, vá ler a Constituição Federal (espero que saiba interpretar texto...) e depois volta aqui e repense as que escreveu. **Vamos supor que** é ignorância...” (X, 2024, grifos nossos).

(31) “Três melhores amigos da minha vida toda!” “Ah, você fará novas amizades”, disse a mãe, acenando com a mão no ar, como se dispensasse o assunto, **supondo que**, para um menino, fazer três grandes amigos para a vida toda fosse coisa fácil” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(32) “A sua conta permanece ativa - enquanto você não fizer uma exclusão definitiva no próprio app- o que vai sumir é a possibilidade de acesso do Brasil ao aplicativo- **vamos supor que** você use vpn- sua conta login funcionará normalmente” (X, 2024, grifos nossos).

Nesse sentido, o fato de haver mais *subordinadas* em [vamos supor que X] nos leva a acreditar que o uso de pontuações como o ponto final e as reticências (que são elementos não atuam sintaticamente, mas apenas semanticamente) prevalece ainda mais nessa construção. Uma das principais marcas disso pode ser pela *oralidade prosódica* por esses elementos na escrita, em que marca a entoação ou pausa, ainda que breve (Silvestre e Rodrigues, 2014), como vemos em (33), com o emprego do ponto final:

(33) “**Vamos supor que** Musk aceita de primeira derrubar contas indiscriminadamente a mando de Moraes. Quando tudo viesse à tona e fosse comprovado censura e perseguição (óbvio) a notícia seria: "Moraes por meio do X perseguia e censurava opositores ao governo" Com títulos até piores.” (X, 2024, grifos nossos).

³⁷ Tota (2024) utiliza os termos prótase e apódose para os termos que aqui chamamos de oração hipotática e oração matriz, respectivamente.

Pelo exemplo acima, entendemos que o usuário-escrevente se utiliza dessa marcação para fazer o usuário-escrevente refletir acerca do cenário hipotético projetado, isto é, em Elon Musk aceitar deletar contas do *X* indiscriminadamente a mando de Alexandre Moraes. Como podemos observar no gráfico dado, [supondo que *X*] apresenta mais casos de *hipotáticas* e [vamos supor que *X*] de *insubordinadas*, o que vai ao encontro de nossa hipótese de que o grau de subjetividade costuma se relacionar mais com supondo que *X* e o grau de intersubjetividade de costuma se relacionar mais com vamos supor que *X*].

5.2 Ordem Frásica

No que diz respeito à organização das frases envolvendo as construções [supondo que *X*] e [vamos supor que *X*], analisamos seus usos em duas ordens frásicas: *interfrásica* e *interfrásica*. Como já apresentado, a primeira diz respeito a casos entre sentenças, enquanto a segunda se refere ao uso no início de um período, após um ponto final. Para tanto, controlamos esse fator a fim de verificar se as construções seriam mais frequentes entre sentenças ou no início delas e de que forma isso se influencia com o discurso semântico-pragmático.

Observamos a predominância da *ordem interfrásica* em ambas as construções e acreditamos que isso pode se dar ao fato de que a *ordem interfrásica* aponta uma informação nova ao usuário-leitor. Nesse sentido, comprova-se a nossa hipótese de que o usuário-escrevente que deseja levantar uma hipótese se faz de forma mais recorrente com ela já no início do período, a fim de já criar um espaço mental de condição (Ferrari, 2015) e, com isso, envolver o usuário-leitor no domínio condicional, de modo que ele interaja ainda mais.

Observamos essa ocorrência nas referidas construções nos exemplos a seguir:

(34) “**Supondo que** eu tenha que levantar 8mil em 5 dias, eu me mato ou parto para ilegalidade?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(35) “**Vamos supor que** você faça um abaixo assinado para impeachment do cara do supremo. Na sua cabeça você está fazendo uma ação cidadã, na cabeça do governo você está dando uma lista com todos os que não gostam do atual governo. Parabéns, você é a pessoa que faz merda por boa ação.” (X, 2024, grifos nossos).

Nos exemplos acima, o usuário-escrevente introduz [supondo que *X*] quando projeta ter

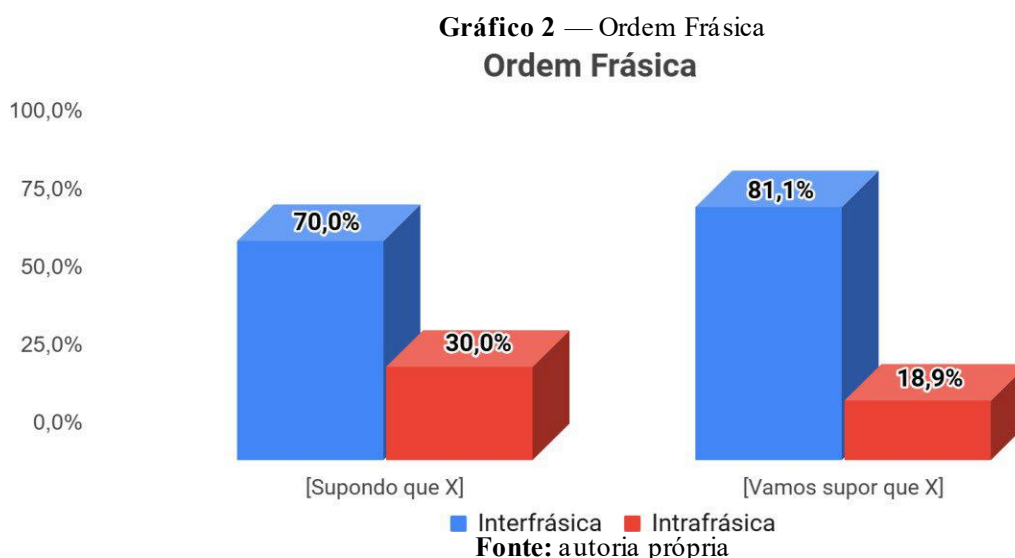
que levantar 8 mil em 5 dias, para questionar o usuário-leitor se ele deve se matar ou cometer algum crime para isso, em (34). Já quando analisamos (35), argumentamos que esse fenômeno também se decorre assim, mas pode ser ainda mais frequente em [vamos supor que X], por conta do alto grau de intersubjetividade, sobretudo quando o usuário-escrevente utiliza *você* para projetar o espaço mental hipotético de que o usuário-leitor faz um abaixo assinado para *impeachment* de um político do supremo.

Além dessa ocorrência, também notamos a frequência significativa da *ordem intrafrásica* principalmente em [supondo que X] e acreditamos que isso ocorre sobretudo nos casos em que o usuário-escrevente recorre ao que foi dito para levantar uma hipótese e argumentar ainda mais sua crença. Vejamos essa ocorrência pelo exemplo abaixo:

(36) “o jeito que vocês falam como se "se assumir" fosse chacota é MUITO desrespeitoso com a causa lgbt e ainda **supondo que** o luan é mesmo bi, o jeito que vocês querem arrancar ele do armário a todo custo por motivo nenhum é MUITO desrespeitoso com ele pelo amor de deus” (Twitter, 2023, grifos nossos).

No caso de (36), o usuário-escrevente demonstra se incomodar com o jeito desrespeitoso com que tratam o cantor Luan Santana quando o assumem como parte da comunidade LGBT e utiliza a construção [supondo que X] na *ordem intrafrásica* para reforçar ainda mais essa opinião a partir da hipótese de que ele é mesmo bi.

A seguir, apresentamos o gráfico com os resultados referentes à ordem frásica de [supondo que X] e [vamos supor que X]:



Como podemos observar, ambas as construções apresentam em maior número a *ordem interfrásica* (70,0% de dados na construção [Supondo que X] e 81,1% de dados na construção [Vamos supor que X]), o que dialoga com nossa hipótese de que o usuário-escrevente tende a introduzir sua linha de raciocínio com a construção condicional, a fim de já persuadir seu usuário-leitor no espaço imagético condicional que cria, para que a interação se proceda. Embora a diferença não seja muito grande, verificamos que o uso da ordem interfrásica é maior na construção [vamos supor que X].

5.3 Tempo e Modo Verbal³⁸

Com relação ao tempo e modo verbal, buscamos analisar esses fatores no período em que as construções [supondo que X] e [vamos supor que X] se apresentam. Acreditamos que o tempo-modo verbal pode estar atrelado à postura epistêmica, ou seja, a crença que o usuário-escrevente tem diante da situação manifestada, juntamente com a possibilidade deles ocorrerem (Fillmore, 1990; Ferrari, 2015). Nossa hipótese era de que as construções dariam maior preferência ao *presente do subjuntivo*, que costuma estar mais atrelado com o domínio hipotético, isto é, algo considerado pelo falante como incerto de acontecer (*postura epistêmica neutra*). Nesse sentido, argumentamos que primeiro o usuário-escrevente cria um espaço mental hipotético no Espaço Base (Ferrari, 2015), que costuma ser marcado por esse tempo e modo verbal, para, com o auxílio da *predição*, projetar um evento futuro que ainda pode se realizar ou que poderia ter se realizado, em expansão (Ferrari, 2015).

Além desses casos já esperados, também encontramos significativas ocorrências do *presente do indicativo* no período em que as construções se manifestam, o que mostra que o usuário-escrevente deseja aproximar seu usuário-leitor de sua postura epistêmica, a qual ele aceita como verdade. Considere os exemplos abaixo:

(37) “**Supondo que** vocês não *sabem* sobre as intenções do Kyuubey, vocês realizariam um contrato com ele para virar uma "garota mágica" em troca da realização de seu desejo mais profundo?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(38) “Cara, a gente chegou ao G4 sem o reforços, possível é sim, além de que as vagas pra liberta devem ir até o 9 colocado esse ano **Vamos supor que** flamengo *leva* liberta e CDB, Fortaleza a Sula vão aumentar as vagas da libertadores Já que eles estão no G4” (X, 2024, grifos nossos).

³⁸ Apresentaremos, numa única seção, a análise dos fatores de tempo e modo verbais.

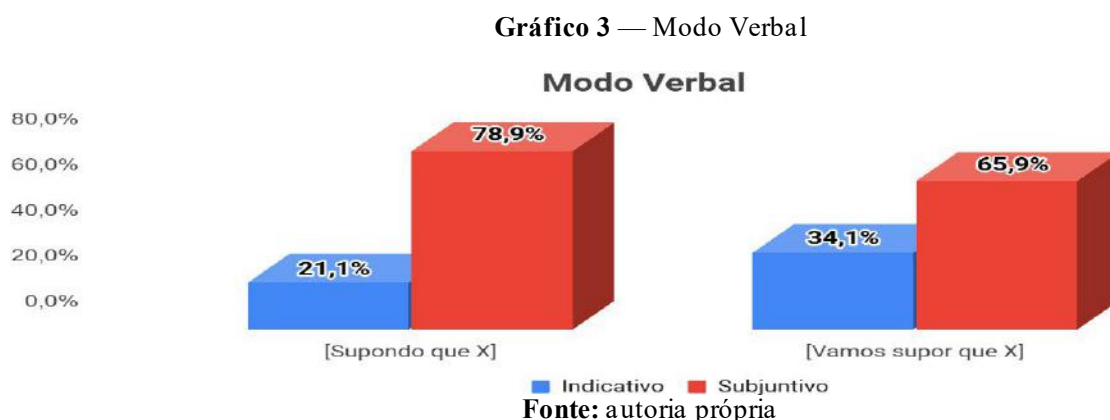
Em (37), ele aceita que seus usuários-leitores não sabem sobre as intenções de Kyuubey como verdade e em (38) ele aceita que o time Flamengo ganha o campeonato da Libertadores e da Copa do Brasil como verdade, para prorrogar o diálogo a partir dessas projeções, as quais os usuários-leitores também assumem como verdade. Vejamos os casos da *postura epistêmica negativa* pelos exemplos abaixo:

(39) “**Supondo que** Deltan *fosse* culpado (não é), seria de infração administrativa que pela lei dos servidores não se enquadra em crime, não abrangendo a ficha limpa. Mas o Sr Lula foi condenado por crime em todas instâncias e não ficou inelegível. Isso é perseguição política, absurdo.” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(40) “O cara trancar todas as contas do ser humano. Congelar todo o dinheiro da pessoa não é uma vítima? **Vamos supor que** o monark *abandonasse* a internet e fosse virar um clt da vida como iria pagar a multa? Como iria alugar ou comprar casa? Como iria comer?” (X, 2024, grifos nossos).

Nos exemplos acima, encontramos a recorrência do *pretérito imperfeito do subjuntivo* no período das construções mencionadas. Nesses casos, argumentamos que o usuário-escrevente adota *postura epistêmica negativa* (Ferrari, 1999), quando não acredita na veracidade do evento enunciado: em (39), ele demonstra não acreditar que Deltan Dallagnol é culpado de um crime; e em (40), ele demonstra não acreditar que o youtuber Monark abandone a *internet* e vire CLT.

A seguir, apresentamos os gráficos com os resultados referentes ao modo verbal de [supondo que X] e [vamos supor que X]³⁹:



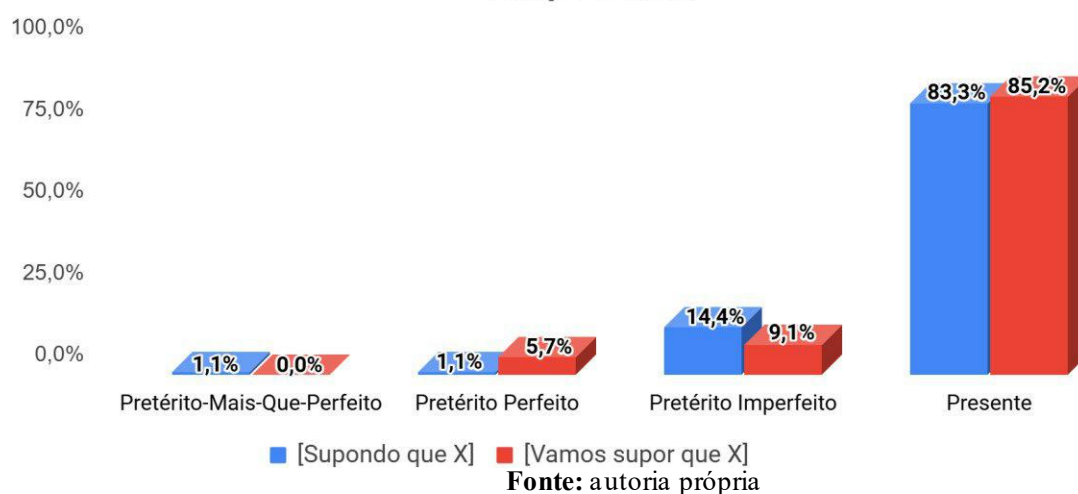
³⁹ Reiteramos que analisamos o período em que ambas as construções aparecem, seja em caso de hipotática, quando houver a matriz; seja em caso de insubordinada.

Os gráficos mostram a prevalência do modo verbal do *subjuntivo* no período das referidas construções (78,9% de dados na construção [Supondo que X] e 65,9% de dados na construção [Vamos supor que X]). Isso corrobora com nossa hipótese de que o usuário-escrevente se utiliza da marcação do *presente do subjuntivo* para projetar um espaço imagético de hipótese/suposição no Espaço Base para, em seguida, projetar um evento futuro que ainda pode se realizar ou que poderia ter se realizado, no Espaço Expansão (Ferrari, 2015).

Além desse fenômeno, também comprovamos a saliência do modo do indicativo nos períodos em que a construção [vamos supor que X] se manifesta, em comparação com os de [supondo que X] (34,1% dados na construção [vamos supor que X] e 21,1% de dados na construção [supondo que X]). Entendemos que isso pode se relacionar com o fato de o grau de intersubjetividade se mostrar maior nessas construções e o usuário-escrevente tender a persuadir o usuário-leitor ainda mais com a marca do *modo do indicativo*, em que ele o traz para o momento presente da cena projetada e tende a convencê-lo de sua veracidade.

A seguir, apresentamos os gráficos com os resultados referentes ao tempo verbal de [supondo que X] e [vamos supor que X]⁴⁰:

Gráfico 4 — Tempo Verbal
Tempo Verbal



Os gráficos mostram a recorrência do tempo verbal do *presente* nos períodos em que ambas construções aparecem (83,3% dos dados na construção [Supondo que X] e 85,2% dos dados na construção [Vamos supor que X]), o que vai de encontro a nossa hipótese de que o usuário-escrevente deseja persuadir o usuário-leitor quanto à veracidade de sua suposição, ao trazê-lo à cena, pela marca do *presente*. Observamos também que, embora com número

⁴⁰ Reiteramos que analisamos o período em que ambas as construções aparecem, seja em caso de hipotática, quando houver a matriz; seja em caso de subordinada.

pequeno de dados, a construção [supondo que X] apresenta mais dados no *pretérito imperfeito* (14,4% dos dados) do que [vamos supor que X] (9,1% do dados); ao passo que a construção [vamos supor que X] apresenta mais dados no *pretérito imperfeito* (5,7% dos dados) do que a construção [supondo que X] (1,1% dos dados).

5.4 Postura Epistêmica

Com relação à postura epistêmica, procuramos analisar se ela é *positiva* (de fato aceito), *negativa* (de fato não-aceito) ou *neutra* (de fato incerto), conforme as nomenclaturas de Gomes e Monken (2011). Para exemplificar os usos de *postura epistêmica neutra*, apresentamos duas ocorrências:

(41) “**SUPONDO QUE** Neymar jogue no Flamengo e Gabigol ainda esteja lá Quem é o batedor de pênalti oficial?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(42) “**Vamos supor que** eu tome uma cervejinha hoje e logo depois eu tome um remédio pra dormir ?” (X, 2024, grifos nossos).

Em (41), o usuário-escrevente demonstra dúvida quanto aos jogadores Neymar e Gabigol jogarem juntos no Flamengo. Já em (42), ele demonstra dúvida se deve ou não tomar uma cerveja antes de tomar remédio para dormir.

No entanto, encontramos a recorrência significativa também de casos com *postura epistêmica positiva*, quando o usuário-escrevente toma como certo o evento, conforme sua crença perante ele. Podemos entender que essa crença está vinculada à *persuasão* do usuário-escrevente com o usuário-leitor, ao convidá-lo à mesma linha de pensamento, bem como com a *intersubjetividade*, frequente sobretudo em [vamos supor que X]. Vejamos essa ocorrência pelos exemplos abaixo:

(43) “Comparando com o the weekend **supondo que** vá até 450 as meias acho que eu vou pista premium mesmo” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(44) “Aí **vamos supor que** teu nome tá sujo , vc pode ficar até 5 anos assim e depois apresentar recurso na justiça para limpá-lo, de acordo com o código de defesa do consumidor, e também , 5 anos é mt tempo, o careca cai antes , e quem tá multado , vai ter a anistia certeza....” (X, 2024, grifos nossos).

Em (43), ele se aparenta convicto de que o valor do ingresso meia de um show é até 450 [reais]. Já em (44), ele postula como verdade que o nome do usuário-leitor está sujo e o convida para imaginar isso.

Há casos, ainda que de baixa frequência, de *postura negativa* nas construções mencionadas. Ela costuma ocorrer quando o evento é impossível de acontecer, seja porque ele é no passado e não pode mais se realizar, seja porque não é da crença do usuário-escrevente. Vejamos essa ocorrência:

(45) “**Supondo que** tivéssemos a habilidade de multiplicar a nós mesmos e designar a cada cópia uma de nossas tarefas diárias, será que cada uma delas acabaria por diferir muito de nossa versão única? (Twitter, 2023, grifos nossos).

(46) “Ter certos conhecimentos deve, também trazer responsabilidade. Pra um adulto infantilizado como o Akita, eu poderia mencionar Tio Ben e Homem-Aranha, né. Mas enfim... **Vamos supor que** eu SOUBESSE como burlar uma decisão judicial... Sendo um "propagador" de conhecimento, não seria prudente o tal do expert gênio excêntrico que usa camiseta de desenho não divulgar certas informações? Isso é, supondo que ele não fosse um maluco de prédio que se acha hacker pq codou em Delphi6.” (X, 2024, grifos nossos).

Em (45), observamos isso quando a habilidade de multiplicar a nós mesmos e designar a cada cópia uma de nossas tarefas diárias é um evento distorcido da realidade. Já em (46), o usuário-escrevente não acredita ser capaz de burlar uma decisão judicial.

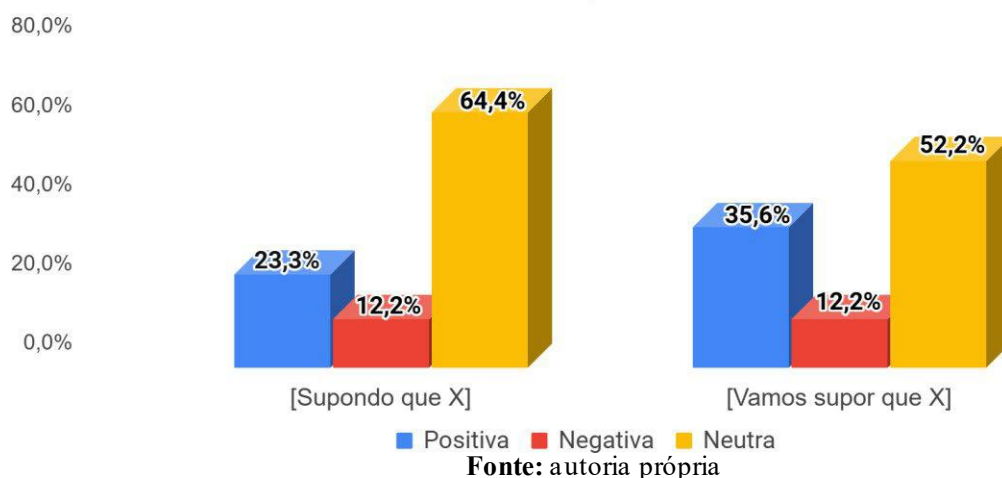
Há, ainda, casos de ironia, em que o usuário-escrevente se utiliza da contradição do *real*, quando sua crença não corresponde ao conteúdo, como é o caso do dado abaixo:

(47) “Mano Menezes, **supondo que** o senhor fosse treinador de futebol, o que faria para que seu time não parasse de jogar aos 25 minutos do primeiro tempo?” (Twitter, 2023, grifos nossos).

Em (47), observamos isso quando o usuário-escrevente não acredita que Mano Menezes é um bom treinador de futebol, ao convidá-lo a imaginar o cenário hipotético no qual ele é um treinador de futebol, quando na verdade ele já é um. O uso do *pretérito imperfeito do subjuntivo* auxilia ainda mais com essa *postura epistêmica negativa*.

A seguir, apresentamos o gráfico com os resultados referentes à postura epistêmica em [supondo que X] e [vamos supor que X]:

Gráfico 5 — Postura Epistêmica
Postura Epistêmica



Como podemos observar, ambas as construções apresentam em maior número a *postura epistêmica neutra* (64,4% de dados na construção [Supondo que X] e 52,2% de dados na construção [Vamos supor que X]), o que vai ao encontro de nossa hipótese, já que, por se tratar de construções condicionais, o usuário-escrevente manifesta *dúvida ou incerteza* em relação ao evento se sucederá ou não.

Já com relação à recorrência da *postura epistêmica positiva*, observamos sua maior frequência em [Vamos supor que X] (23,3% de dados na construção [Supondo que X] e 35,6% de dados na construção [Vamos supor que X]), e acreditamos que isso ocorre, pois o usuário-escritor tende a assumir mais o conteúdo como verdade em casos intersubjetivos (os quais decorrem mais nessa construção), para que o usuário-leitor acredite nele.

O gráfico também nos mostra a mesma recorrência da *postura epistêmica negativa* (12,2% de dados nas referidas construções), que provavelmente se deve pelo fato do usuário-escrevente se utilizar de construções condicionais com a predição voltada mais a situações possíveis de se realizar.

5.5 Proteção de Face⁴¹

Por fim, com relação à proteção de face (Adelino; Nascimento, 2018; Ely e Cezario, 2023), procuramos analisar se ela é mais recorrente em [supondo que X] ou em [vamos supor

⁴¹ Apresentaremos, neste capítulo, apenas a análise descritiva do fator proteção de face e sem a apresentação de gráficos, pois acreditamos que ele seja recorrente em todos os dados, com menor e maior saliência pela intersubjetividade (Verhagen, 2008; Hirata-Vale, 2017), mas que avaliá-lo não se faz pertinente para esta pesquisa.

que X], isto é, se o usuário-escrevente costuma se comprometer com o conteúdo manifesto ou não.

Acreditamos que esse fator pode se relacionar com a intersubjetividade (Verhagen, 2008; Ferrari, 2015; Hirata-Vale, 2017), e que isso ocorre ainda mais em [vamos supor que X]. Isso porque o diálogo entre o usuário-escrevente e o usuário-leitor é ainda maior, quando ele o convida a participar dele, através do *vamos*, mais o emprego da primeira pessoa do plural (Rubio, 2009). Além disso, como já abordamos anteriormente, o emprego da oralidade prosódica (Silvestre e Rodrigues, 2014) através de pausas, que se dão pelas reticências e ponto final, operam ainda mais como estratégia de preservação de face, como mecanismo de persuasão e de convite ao usuário-leitor a se envolver com o diálogo, bem como com a mesma linha de raciocínio do usuário-escrevente. Vejamos essa ocorrência:

(48) “**Supondo que** eu PINTASSE O CABELO... qual COR eu deveria pintar? (Não respondeu é mal caráter” (Twitter, 2023, grifos nossos).

(49) “É bem simples de entender... **Vamos supor que** estamos numa rede social conversando sobre verduras e legumes... No meio da conversa, alguém diz que não gosta de brócolis, acha brócolis uma porcaria.. Ai alguém ao ouvir isso, não gosta de ouvir essa opinião e... (segue)” (X, 2024, grifos nossos).

Entendemos que o usuário-escrevente faz o uso das reticências em (48) para convidá-lo a imaginar o cenário hipotético de que ele pintou o cabelo para, após refletir, responder qual a melhor cor para pintar. Já em (49), ele as utiliza para projetar o espaço mental hipotético de que eles estão em uma rede social conversando sobre verduras e legumes. Assim sendo, como constatamos por esses exemplos, ambas as construções apresentam o fator de proteção de face, mas em diferentes graus de saliência. Sabe-se, contudo, que [vamos supor que X] costuma apresentar ainda mais este fator, já que ele está ligado à intersubjetividade, que é fortemente marcada nessa construção.

Neste capítulo, procuramos apresentar as análises e os resultados de cada um dos fatores que acreditamos serem relevantes para a comparação de [supondo que X] e [vamos supor que X]. Nesse sentido, ao fazer uso dessas construções condicionais com o(s) usuário(s)-leitor(es), entendemos que o usuário-escrevente utiliza estratégias linguísticas a níveis formais, discursivo-pragmáticos e semânticos, as quais se relacionam com fatores de conexão sintática, ordem frásica, tempo e modo verbal, postura epistêmica e proteção de face.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar as construções condicionais do PB [supondo que X] e [vamos supor que X], à luz da LFCU, que considera que a gramática se molda por meio de experiências que ocorrem em situações de interação reais do uso através das habilidades cognitivas do falante, que são adquiridas pelo seu conhecimento linguístico. Neste sentido, a proposta deste estudo foi a de analisar os dados das construções de forma quali-quantitativa. Para isso, foram selecionados como *corpus* dados escritos da plataforma *Twitter/X*.

De modo geral, tanto [supondo que X] quanto [vamos supor que X] operam as propriedades prototípicas do domínio condicional [*se p, (então) q*] (Neves, 2011), como a *causalidade, a não assertividade, a predição, a distância epistêmica* e a *criação de espaços mentais* (Dancygier, 1998; Oliveira, 2019). No entanto, elas se distanciam entre si e inclusive fogem desse modelo prototípico, a medida que tomam rumos distintos com relação aos fatores do grau de *conexão sintática, a ordem frásica, a postura epistêmica, a escolha do tempo e modo verbal* e a *proteção de face*, a depender das intenções comunicativas junto aos contextos discursivo-pragmáticos de interação dessa plataforma.

Com relação ao fator da conexão sintática, entendemos que a construção [supondo que X] apresenta maior proximidade com a prototípica condicional [*se p, (então) q*] (Neves, 2011)⁴², com a maior recorrência de *hipotáticas*, se comparado com [vamos supor que X]. Entretanto, assim como com essa segunda construção, ambas as construções apresentam uma significativa ruptura dessa abordagem (Dancygier, 1998; Neves, 2011) e apresentam casos de *insubordinação* e maior grau de *intersubjetividade*, que se dão através da prosódia e entoação breve de pausa. Essas marcações se dão na escrita pelo uso de grafias como o ponto final e reticências e criam estruturas sintaticamente independentes, ainda que ainda atuem semanticamente. Sabe-se, no entanto, que o grau de *intersubjetividade* costuma ser ainda maior para essa segunda construção, pelo emprego de *vamos supor*, em que o usuário-escrevente convida ainda mais o usuário-leitor a se envolver na cena hipotética descrita, por meio da primeira pessoa do plural.

Ainda, entendemos que a análise do *tempo e modo verbal* juntamente com a *postura epistêmica* também se faz relevante para a compreensão ainda maior de nossa análise das construções. É a partir dessa relação que, juntamente com os demais fatores tratados, somos ainda mais capazes de analisar se o usuário-escrevente demonstra a crença (*postura epistêmica*

⁴² Apresentamos esta discussão em Ambiel, Ely e Cezario (2024, *in prelo*).

positiva); demonstra descrença (*postura epistêmica negativa*) ou demonstra dúvida ou incerteza (*postura epistêmica neutra*) perante ao evento hipotético apresentado. Encontramos a recorrência dos três casos para as construções, mas destacamos a saliência da *postura epistêmica neutra*, quando o usuário-escrevente demonstra sua incerteza do evento se suceder ou não; assim como da significativa recorrência da *postura epistêmica positiva*, quando ele assume o evento como verdade, como uma técnica de persuasão, ao criar um espaço mental hipotético; e a baixa saliência da *postura epistêmica negativa*, que costuma ser mais utilizada em casos de descrença do usuário-escrevente perante ao evento, e inclusive pela marcação da ironia.

Sabe-se que a relação da postura epistêmica também se dá com a escolha do *tempo e modo verbal*, já que eles contribuem para as intenções comunicativas do usuário-escrevente no diálogo interacional. Logo, o *presente do subjuntivo* costuma se assumir como *postura epistêmica neutra*, uma vez que o usuário-escrevente demonstra a incerteza da veracidade do evento; e o *presente do indicativo* costuma se assumir como *postura epistêmica positiva*, à medida que ele toma o evento como verdade.

Finalmente, através dos dados apresentados e analisados neste trabalho, entendemos que a interação entre o usuário-escrevente e os usuários-leitores em uma rede social de cunho informal possibilita um diálogo mais intersubjetivo e com estratégias de *proteção de face* de forma mais saliente. Dessa mesma forma, as construções podem ser vistas sob novos olhares do que a Gramática Tradicional postula: o uso de pontuação graficamente incorreta pela Gramática Tradicional e o caso de *elipse* apontam para a necessidade de estudos mais aprofundados com relação ao fenômeno da *insubordinação* das construções condicionais. Igualmente, postulamos o reforço do estudo acerca do *tempo e modo verbal* e da *postura epistêmica* para entender as intenções comunicativas do usuário-escrevente, através do emprego das construções condicionais, como tentamos demonstrar com [supondo que X] e [vamos supor que X].

REFERÊNCIAS

- ADELINO, F. J. da. S.; NASCIMENTO, E. P. do. **O funcionamento semântico-argumentativo da modalização epistêmica quase-asseverativa.** Revista do GELNE, Natal, v. 20, p.98-110, 2018.
- AMBIEL, M. A.; ELY, L.; CEZARIO, M. M. UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CONSTRUÇÃO [SE P, (ENTÃO) Q] E [SUPONDO QUE X] À LUZ DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO. *In*: E-book do Seminário do D&G 2023, 2025. In prelo.
- ANDRADE, M. A. da S. **Gramaticalização: (inter)subjetivização e modalização nas estruturas vai ver e vai que.** *In*: Congresso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina, 17., 2014, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: ALFAL, 2014.
- BARONI, G. do C.; RODRIGUES, Violeta Virginia. Insubordinação: uma proposta funcionalista para o estudo de (des)articulação de cláusulas. **Revista do GEL**, v. 18, n. 3, p. 285-310, 2021. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>. Acesso em 18 dez. 2024.
- BARONI, G. do C. **Insubordinação de cláusulas volitivas em português brasileiro: uma abordagem funcionalista.** 2022, 335 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.
- BUENO, A. **As orações condicionais introduzidas por supondo que em português.** 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro.** 1. ed., 3. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHAFE, W. L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. *In*: CHAFE, W.L. (ed.). **The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production.** Norwood: Ablex, 1980.
- CHAVES, A. S. S.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Chunking na esfera digital do português brasileiro: uma abordagem centrada no uso. *In*: BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando da Silva (Org.). **X Seminário Internacional e XXIII Seminário Nacional do Grupo de Estudos Discurso & Gramática: construction grammar: theoretical and practical issues.** Anais... Natal: EDUFRN, 2019.
- CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective.** Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DANCYGIER, B. Two Metatextual Operators: Negation and Conditionality in Polish. **Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, p.

61- 75, 1992.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication (Cambridge Studies in Linguistics)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. **Scripta** (Linguística e Filologia). Belo Horizonte, v. 2. n. 4, p. 23-38, 1999.

DECAT, M. B. N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

DECAT, M. B. N. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas atemática**. Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 123-135, 2019.

DECAT, M. B. N. et al. **Desgarramento, insubordinação discursiva e insubordinação: abordagens funcionalistas**. Campinas: Pontes Editora, 2021.

DIESSELL, H. Demonstratives, frames of reference, and semantic universals of space. *Lang. Linguist. Compass* 8, 2014, p.116–132. DOI: 10.1111/lnc3.12066.

ELY, L. CEZARIO, M. M. Vai que e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLIN. Rio de Janeiro, n.45, 2023b, p.152-168. Jan-Abr./2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73443>. Acesso em: 03 dez. 2024.

EVANS, N. Insubordination and its uses. *In*: NIKOLAEVA, I. (ed.). **Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

FERRARI, L. V. Postura Epistêmica, Ponto de Vista e Mesclagem em Construções Condicionais na Interação Conversacional. **Revista Veredas**. v.3, no. 1, Juiz de Fora: Ed.ufjf, 1999.

FERRARI L, ALMEIDA P de. SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE EM CONDICIONAIS: ALTERNÂNCIAS ENTRE PRESENTE E FUTURO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO. **Alfa**, rev linguíst (São José Rio Preto) [Internet]. 2015Jan;59(1):89–112. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1502-4>. Acesso em 04 jan. 2025.

FERRARI, L. SEMÂNTICA OBJETIVISTA OU SEMÂNTICA COGNITIVA? IMPLICAÇÕES DO MODELO SEMÂNTICO NA ANÁLISE DE CONDICIONAIS. **Gragoatá**. v. 20, n. 38, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i38.33304>. Acesso em 04 jan. 2025.

FILLMORE, C. Epistemic Stance and Grammatical Form in English Conditional Sentences. **Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**, p. 137- 162, 1990 a.

FILLMORE, C. The Contribution of Linguistics to Language Understanding Understanding *In*: BOCAZ, Aura. **Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and**

Culture. Universidad de Chile. 1990 b. p. 109-28.

FREITAS JUNIOR, R.; CEZÁRIO, M., M. LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E INTERFACES. **Revista Linguística.** Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. *In:* CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). **Linguística centrada no uso – uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013.

GIVÓN, T. **Sintaxe: an introduction.** v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work.** Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOMES, Gilberto. Three types of conditionals and their verb forms in English and Portuguese. **Cognitive Linguistics.** v. 19, n. 2, p. 219-240, 2008.

GOMES, G.; MONKEN, P. M. Postura epistêmica e parafraseabilidade diferencial em condicionais. **Rev. Est. Ling.** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 127-140, jul./dez. 2011.

GONÇALVES, S. C. L.; CASSEB-GALVÃO, V.; SOUSA, G. C. As construções subordinadas substantivas. *In:* NEVES, M. H. de M. (org.). **A construção das orações complexas.** v. V. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-121.

HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático.** 2005. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

HIRATA VALE, F. B. de M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978). [*S. L.*], v. 46, n. 1, p. 83–97, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i1.1655. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1655>. Acesso em: 18 dez. 2024.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages.** Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1996.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh.** New York: Basic Books, 1999.

LEÃO, Â. V. **O período hipotético iniciado por se.** Tese de concurso. UFMG, Belo Horizonte, 1961.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. ‘Vai que eu engravidado de novo?’: gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama.** São Paulo, v. 81-82, 2010.

MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de linguística.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Mudança Linguística**: uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINS, N. Meios de exprimir a comparação no português atual do Brasil. **ALFA**: Revista de Linguística. São Paulo, v. 12 (1967), 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3313>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MATTHIESSEN, C. e THOMPSON, S. The Structure of discourse and “subordination”. *In*: HAIMAN e THOMPSON (ed.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988, p. 275-329.

MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentences. **Language**. v. 84, n. 1, p. 69-119, 2008.

MONTOLOIO, E. On affirmative and negative complex conditional connectives. *In*: Couper-Kuhlen, E. & Kortmann, B. (Eds.) **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

NEVES, M. H. M.. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

OLIVEIRA, T. P. **Conjunções e orações condicionais no português do Brasil**. Araraquara, 2008, 155 f. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. *In*: SOUZA, E. R. F. (org.). **Funcionalismo Linguístico**: Análise e descrição. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P. de. A construção [[supondo_que]CON]. **Estudos Linguísticos**. (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 48, n. 1, p. 370–383, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i1.2372. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2372>. Acesso em: 05 jan. 2025.

OLIVEIRA, M. R.; ARENA, A. B. O viés funcional do pareamento simbólico função <> forma na abordagem construcional da gramática. **Soletras**. n. 37, p. 30-58, 2019.

RODRIGUES, V. V. “Desgarramento” das comparativas introduzidas por que nem. **Guavira Letras**: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras. Três Lagoas, v. 12, n. 1, p. 104-113, 2011.

RODRIGUES, V. V. (Org.). **Desgarramento de cláusulas em português**: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019. Disponível em: www.blucher.com.br. Acesso em: 18 dez. 2024.

RODRIGUES, V. V. **Cláusulas sem núcleo em português**: desgarramento ou insubordinação?. São Paulo: Blucher, 2021.

RODRIGUES, V. V. Cláusulas Insubordinadas no Português em Uso. *In*: CEZARIO, M. M. da C.; MARQUES, P. M.; CASTANHEIRA, D. **Pesquisas Funcionalistas e Aplicações ao Ensino Superior**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024. Cap. 8. p. 212-238.

RUBIO, C. F. A multifuncionalidade da construção *vamos supor* na fala da região Noroeste do Estado de São Paulo. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 38, n.3, p. 283-292, 2009.

SILVESTRE, A. P. dos S.; RODRIGUES, V. V. O desgarramento de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. *In*: XXV Jornada Nacional do Gelne, 2014, Natal – RN. **Anais da XXV Jornada Nacional do Gelne**. v. 1. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – EDUFRN, 2014. p. 1-11.

TOMASELLO, M. **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. Mahwah, NJ/London: LEA, 2003.

TOTA, F. The Use of “Imaginar”, “Supor”, and “Pensar” as Expressions of Comparison in Brazilian Portuguese. **Cadernos de Linguística**. v. 5, n. 2, p. e759, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.v5.n2.id759. Disponível em: <http://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/759>. Acesso em 20 dez. 2024.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. *In*: AKIMOTO, M. (Ed.) **Linguistics studies based on corpora**. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing Company, 2004.

TRAUGOTT, E. C.; & Trousdale, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press. 2013.

VALENTIM, H. T. **Um estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa - Portugal, 2005.

VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. *In*: ZATLEV, J. *et al* (eds.). **The shared mind: perspectives on intersubjectivity**. v. 12, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.